



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS VI
COLEGIADO DE LETRAS VERNÁCULAS-LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS
LITERATURAS**

**CONSERVADORISMO E INOVAÇÃO NA NORMA LITERÁRIA
MODERNISTA NA OBRA AMADIANA: O USO VARIÁVEL DA
CONCORDÂNCIA NOMINAL E A CONCORDÂNCIA VERBAL**

**CAETITÉ
2014**

MARIA HELENA GONÇALVES OLIVEIRA

**CONSERVADORISMO E INOVAÇÃO NA NORMA LITERÁRIA
MODERNISTA NA OBRA AMADIANA: O USO VARIÁVEL DA
CONCORDÂNCIA NOMINAL E A CONCORDÂNCIA VERBAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas do Campus VI da Universidade do Estado da Bahia como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Vernáculas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos

**CAETITÉ
2014**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Helena Gonçalves Oliveira

**CONSERVADORISMO E INOVAÇÃO NA NORMA LITERÁRIA
MODERNISTA NA OBRA AMADIANA: O USO VARIÁVEL DA
CONCORDÂNCIA NOMINAL E A CONCORDÂNCIA VERBAL.**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos

Conceito: _____
_____ Rubrica

Examinadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Kátia da Costa Pina

Conceito: _____
_____ Rubrica

Examinadora: Prof.^a Lucélia Alves Magalhães

Conceito: _____
_____ Rubrica

**CAETITÉ
2014**

Dedico esta pesquisa, aos meus pais, que me deram a oportunidade de crescer e alcançar um sonho, que no qual não poderiam conquistar. E a Ricardo Tupiniquim Ramos, fonte inspiradora de todo o meu conhecimento.

AGRADECIMENTOS

De certa forma um trabalho como este requer muito esforço, dedicação, acima de tudo compromisso com a pesquisa. Para que aconteça, depende de toda uma base que fortifica a construção do conhecimento. Enfim, a construção desta colcha de retalhos são pedaços encontrados em quem sempre esteve ao meu lado durante toda essa jornada, para no final conseguir alcançar meu objetivo.

Ao Grandioso Mestre, a Deus quero agradecer primeiramente, pois nos momentos angustiantes, onde calada me encontrava apenas meditando em sua poderosa palavra era que vinha a mim o consolo, a calma a paciência a crença de que tudo daria certo, era preciso apenas FÉ. “Clamamos ao Senhor, Deus de nossos pais; e o Senhor ouviu a nossa voz e atendeu para a nossa angústia, para o nosso trabalho e para a nossa opressão.” (Deuteronômio 26. 7).

A minha família, em especial aos dois pedaços que compõem a base da minha vida, meu pai Joaquim e minha mãe Aurenice, acredito que se não fosse essas duas pessoas nessa longa caminhada jamais chegaria até aqui, todo esse trabalho é fruto da dedicação, apoio, compreensão dos meus pais, **MUITO OBRIGADA HERÓIS DA MINHA VIDA!** Aos demais familiares também, primos, tios, avós, que contribuíram de alguma forma.

Ao meu orientador, Ricardo Tupiniquim Ramos, com quem aprendi, tenho muito o que agradecer: aprendi a ser pesquisadora, a superar minhas limitações, a confiar em mim, a ter essa liberdade e ousadia de buscar e buscar conhecimento. Obrigada por ter me apresentado esse escritor maravilhoso, Jorge Amado, e por me ter feito descobrir a sua literatura inovadora. Obrigada pela confiança, pelo carinho e pela dedicação, mesmo eu sendo sua única orientanda desorientada. **OBRIGADA!**

Agradeço a todos os meus professores do *campus VI*, de alguma forma todos contribuíram. Em especial quero agradecer a Patrícia Kátia da Costa Pina, pelo incentivo, mesmo eu sendo essa menina.

Quero aqui agradecer também aos pedacinhos dessa colcha de retalhos, às minhas colegas de curso, pessoas que se tornaram de uma

maneira especial minha segunda família, e que, com certeza, contribuíram também para confecção deste trabalho, com palavras de entusiasmo, de consolo, encorajamento. Agradeço a vocês: Márcia, Thayse, Michele, Drielly, Luciane, Edvânia, Eliene, Jéssica, Eliane, Ana Paula, Ana Cláudia, Janeide, Alane.

Em especial, às minhas colegas, parceiras, companheiras de pesquisa Aparecida Santos e Gilsene Evangelista. Quantas coisas construímos juntas, e compartilhamos ao longo de todo esse processo de construção desta pesquisa. A vocês meu muito OBRIGADA! Por me ouvirem, ajudarem nas dúvidas.

Agradeço ao Departamento de Ciências Humanas *Campus VI*, à UNEB, por ter me proporcionado um bom aprendizado, onde vivi momentos únicos e construí saberes e amizades que levarei para vida toda. Ao programa de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia ao CNPq, pela oportunidade do crescimento acadêmico durante esses dois anos de pesquisa. MUITO OBRIGADA!

*Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias Deixa disso camarada
Me dá um cigarro
Oswald de Andrade*

RESUMO

A tradição gramatical apresenta uma visão muito simplificada e rígida sobre as regras de concordância. A concordância de número no interior do sintagma nominal se faz de uma única forma: os constituintes determinantes (artigos, demonstrativos, possessivos e quantificadores) seguem o número (singular ou plural) do constituinte determinado (o nome), caso contrário, a concordância nominal não se efetiva conforme a gramática normativa. A concordância verbal se faz pela conjugação do verbo em número e pessoa conforme o sujeito, assim prescrito pela gramática tradicional. Por outro lado, a pesquisa sociolinguística aponta que a marcação do plural no interior do sintagma nominal está condicionada a diversos fatores estruturais, como, por exemplo, à posição do elemento no interior do SN, à sua classe gramatical, ao grau de saliência do próprio plural marcado, mostra, ainda, que a concordância verbal não é só definida por pronome reto, mas também pelas novas formas pronominais, como “a gente” e “você”. Além disso, existem outros fatores que levam o falante a se distanciarem da gramática concordância, a questão socioeconômica e o grau de escolaridade. O estudo aqui proposto é investigar o emprego conservador e o inovador da concordância nominal e da concordância verbal. Como fonte de pesquisa para coleta de dados desses fenômenos de variação, foi utilizada pelo prosador baiano Jorge Amado, situado na segunda geração do Movimento Modernista, foi um marco para uma nova literatura brasileira, carregou caráter nacionalista, principalmente por adotar o falar popular das ruas, é nesse sentido que coletamos dados de fenômenos de variação linguística nas obras amadianas: *Gabriela Cravo e Canela* e *Suor*, com o fenômeno de variação da concordância nominal e *Tieta do Agreste pastora de cabras*, com a concordância verbal, para comprovamos em que medida este escritor usa em suas obras a inovação e o conservadorismo linguístico.

Palavras chaves: Jorge Amado. Conservadorismo e Inovação Linguística.

Concordância Nominal e Concordância Verbal.

ABSTRACT

The grammatical tradition presents a very simplified and rigid view of the matching rules. The number of agreement within the noun phrase is done in a single way: the determinant constituents (articles, statements and possessive quantifiers) following the number (singular or plural) of the particular constituent (the name), otherwise, the nominal agreement is not as effective as the normative grammar. A verbal agreement is made by the verbal conjugation in number and person according to the subject, set by traditional grammar. On the other hand, the sociolinguistic study found out that plural marking within the nominal phrase is subject to many structural factors, such as, for example, the position of the element within the NP, its grammatical classification, the degree of projection of the own plural marked. It also shows that the verbal agreement is not only defined by straight pronoun, but also by new pronoun forms, as "we" and "you". Besides, there are other factors that lead the speaker to distance grammar agreement, as socioeconomic issue and educational level. The study in question is about to investigate the conservative and the innovative use of the nominal agreement and verbal agreement. As a research source of this variation phenomenon that was used by the Bahian writer Jorge Amado located on the second generation of the Modernist Movement. He was a mark for a new Brazilian literature, by carrying a nationalist feature, mostly by adopting the popular way of talking that is used in the streets. By this way, we collect data of linguistic variation phenomenon in "amadianas" works: "Gabriela Cravo e Canela e Suor", with the phenomenon of nominal agreement variation and "Tietado Agreste" pastor of goats, with the verbal agreement, to the extent this proved this writer uses in his works innovation and linguistic conservatism.

Keywords: Jorge Amado. Conservatism and Linguistics Innovation. Nominal Agreement and Verbal Agreement.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro 1: A flexão verbal em português padrão, coloquial brasileiro e não padrão brasileiro.....	36
Quadro 2: Pronomes pessoais da tradição gramatical (e, grosso modo, do início do português moderno).....	37
Quadro 3: Subsistema de pronomes casuais do português do Brasil.....	37
Quadro 4: Ocorrências das variantes de concordância de número no interior do sintagma nominal por obra.....	48
Quadro 5: Ocorrências da regra de concordância verbal.....	55

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	12
2- REVISÃO DE LITERATURA.....	18
2.1 Modernismo: literatura nova, moderna, redescoberta.....	18
2.2 Jorge Amado: língua, povo, realidade.....	27
2.3 Língua: Conservadorismo e Inovação.....	31
3- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	46
3.1 A concordância de número no interior do sintagma nominal nas obras amadianas.....	48
3.2 A concordância verbal na obra amadiana.....	55
3.3 Interpretação de Dados: a diferença na leitura da literatura amadiana.....	60
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	66

1 - INTRODUÇÃO

As escolas literárias brasileiras que ganharam destaque em representar o contexto sócio-histórico-cultural, em fazer uma definição do momento, em criar uma identidade brasileira no período no qual elas estavam inseridas, foram o Romantismo e o Modernismo. Ambas tentaram fazer da uma literatura brasileira genuinamente de caráter nacional, denunciar o contexto situado em cada época literária em forma de textos, representando o Brasil do momento, no entanto apenas uma destas escolas conseguiu alcançar o apogeu da liberdade estética da expressão em textos literários, aderir a um novo conceito em escrever obras literárias, tanto nas questões sociais, como na linguagem, na escrita literária.

Os autores do Romantismo, de certa forma, tentaram propor uma nova visão na literatura brasileira, principalmente na linguagem literária, mas os seus textos eram corrigidos de forma tradicional, assim permanecendo fiel aos padrões literários. Entretanto, surge o Modernismo que abandona os paradigmas ditados pelos modelos literários. Textos literários originais, que falassem do povo, da realidade brasileira e principalmente da língua, essa falada no dia-a-dia, cogitada pelo povo que compõe as ruas brasileiras.

O movimento modernista deu à literatura brasileira um caráter nacionalista e seu principal lema era a liberdade de criar. “Seu signo principal é a liberdade de pesquisa estética, isto é, cada poeta não encontra regras prefixadas que seguir; tem de eleger as suas próprias” (COUTINHO, apud, PINA, 2006, p 22- 26).

Definido em três gerações, o Modernismo Brasileiro, com a primeira geração, causa a ruptura com os moldes anteriores, com as escolas literárias passadas. A segunda é uma fase de extensão com a preocupação do homem com questões sociais e a última geração se entende como disciplina. Com isso, o Brasil ganhou uma nova visão em se fazer literatura, a liberdade estética de criar e recriar textos literários.

Situado na segunda fase do Modernismo Brasileiro temos o nosso autor, Jorge Amado. Fase esta que caracterizava o romance por denúncia social, a realidade brasileira, abordando um alto grau de conflito nas relações

do indivíduo com o mundo, em busca de uma língua brasileira, a língua falada pelo povo nas ruas. Na busca pelo homem verdadeiramente brasileiro, o regionalismo ganha espaço, como os personagens fazem relações com o meio natural e social. Nesse contexto Jorge Amado merece destaque como um escritor desta geração que usou e abusou destes conceitos de criar e recriar a sua literatura. Criou seus personagens com base na vivência do povo baiano, pois bem os conhecia, representando, assim, em suas obras, a sociedade de então.

Jorge Amado não apenas representou a sociedade baiana com seus costumes, suas crenças e suas vidas diárias em seus romances, mas usou de outra fonte de inspiração: a língua popular brasileira, falada por personagens humildes, trabalhadores, sem prestígio social, dita nas ruas, língua esta ignorada nas outras escolas literárias do passado, mas que, com a revolução do modernismo, começou a ser reconhecida e adotada nas entrelinhas das narrativas por autores modernistas, inclusive Jorge Amado.

As narrativas literárias antes do Modernismo eram escritas conforme a estética da língua literária conservadora, adotando os padrões rígidos da gramática tradicional, o português europeizado. Toda a escrita era moldada e revisada de acordo com os esplendores gramaticais e assim se fez até a chegada do novo movimento literário, o Modernismo Brasileiro. Com este movimento, as coisas mudaram de rumo, o belo passou a não ser apenas visto na norma culta da língua, mas também na forma popular da fala. Entretanto não abandonaram as formas prescritas pelas gramáticas, apenas inovaram o que se encontrava oculto em obras literárias. Os autores modernistas foram tanto conservadores como inovadores na língua brasileira.

Afinal, a língua popular brasileira é uma herança deixada pela miscigenação consentida por vários povos que habitaram em nossas terras no período da colonização, no entanto a gramática tradicional faz seu papel de “corrigir” essa língua, moldando-a, fazendo as concordâncias adequadas, aplicando suas regras para que o falante possa se situar em seus padrões linguísticos. Contudo, as pessoas que não têm o domínio dessa gramática, os não escolarizados, permanecem distantes, pois não adaptaram a sua fala

materna que aprendeu desde que o sistema fonológico começou a funcionar ficando assim excluídos da sociedade falante de acordo com a gramática.

Entretanto, este falante tem o domínio da linguagem verbal, usa dela para expressar suas angústias, pensamentos, emoções, enfim, para sua socialização com o mundo em seu dia-a-dia, mas a sua fala é simples, pura, sem formalismo, diferente da que se pede na gramática normativa, sendo ele de status social não elevado e não escolarizado. Nesse sentido, Jorge Amado entra para aderir valor a essa língua materna, popular, instituindo-a em seus escritos.

Pensando nesta questão, de uma nova literatura, moderna, com autores que buscavam a inovação, seja no campo estético das questões sociais, como no da linguagem é que surge esta pesquisa que tem como um dos autores deste movimento modernista Jorge Leal Amado de Faria que buscou deste momento na literatura brasileira fazer uma literatura genuinamente nacional, inovando a linguagem literária.

Para tanto foi investigado o conservadorismo e a inovação linguística nas obras amadianas, nos romances: *Gabriela cravo e canela*¹, *Suor*² e *Tieta*

¹ O romance, *Gabriela cravo e canela* (1958), ambientado nas terras cacauceiras de Ilhéus, narra a história de um romance entre o Árabe Nacib e a doce Gabriela. Nacib, homem importante em Ilhéus, tinha o prestígio e a amizade de todos. Gabriela, moça pobre, sem experiência nenhuma de vida, retirante da seca, vai para Ilhéus, juntamente com o tio para busca uma condição melhor, emprego, na jornada rumo à nova cidade seu tio morre e ela segue sozinha. Gabriela ao chegar a Ilhéus encontra primeiramente Nacib que justamente esta a procura de uma empregada, O romance de Gabriel e Nacib começa aqui, quando ela vai morar com ele, uma paixão súbita que gerou até um casamento entre eles, mas Gabriela não era de se prender a ninguém e se sentir entediada ao se tornar a senhora Saad, queria ser livre como os pássaros, cozinhar para o bar, viver descalços, mas nada disso ela podia depois do seu casamento. Com isso acontece o inevitável, Gabriela trai Nacib com seu melhor amigo Tônico Bastos. Nacib descobre a traição, pois pega os dois em sua casa. O casamento foi desfeito, Gabriela vai morar na casa da vizinha, mas o amor dos dois não é desfeito, ela volta para Nacib e para cozinhar no novo restaurante dele, volta não como esposa, mas sim como alguém que o ama, mas sem laços matrimoniais apenas frequentando a sua cama.

² *Suor* (1934) é um romance que representa as mazelas, a falta de emprego, condições péssimas de moradia, a vida miserável, promiscua e o sofrer do povo baiano. Moradores da ladeira do Pelourinho em um sobrado de 116 quartos, com mais de seiscentas pessoas.

do *Agreste pastora de cabras*³. Levantando fenômenos de variação linguística analisando suas causas e discutindo em que medida eles podem determinar não apenas uma renovação na forma de ler a obra do escritor, como também da norma-padrão do “português” no Brasil

Esta pesquisa se situa num campo de estudos que há algum tempo abandonado pela academia no Brasil – a Estilística Literária⁴ – em sua interface com os estudos filológicos e de variação linguística. Além disso, a partir dessas perspectivas, pretendemos contradizer um pressuposto de o escritor Barbadinho Neto (1976) – segundo o qual não houve inovação linguística no movimento modernista, exceto em Mário de Andrade e num único passo da escrita amadiana, em que o autor teria cometido um “erro” de

Vivem em quartos apertados, amontoados, que mal podem se mexerem, além de dividirem o pequeno espaço com ratos, baratas, cachorros. São pessoas pobres, prostitutas, operários, lavadeiras, mendigos, velhos, homossexuais, desempregados, excluídos de uma sociedade injusta, onde as oportunidades são para poucos, ou para ninguém.

³ *Tieta do Agreste, pastora de cabras* (1977), romance escrito na praia do Buraquinho, nos arredores de Salvador e concluído em Londres, narra a história de Antonieta, pastora de cabras em Mangue Seco, que vivia a se entrega nas dunas da região com vários amantes. A vingativa e carola irmã Perpétua que vivia para os dogmas que a igreja pregava denúncia as aventuras amorosas da irmã ao pai, Zé Esteves. Tieta é escorraçada de casa pelo pai. Seu destino agora é perambular pelas cidades mais próximas fazendo vida. Após muitas andanças e prostituindo-se Tieta segue para São Paulo, onde se torna cafetina de um bordel que chegou fazendo vida. Após 25 anos de sua partida ela regressa para sua cidade natal. O retorno de Tieta abalou a vida pacata da cidade, ela retorna rica e poderosa, viúva de um industrial paulistano, chega acompanhada de Leonora, sua enteada, que na verdade é uma das suas prostitutas. Ascânio, secretário da prefeitura que se envolve com a bela Leonora ele inocente acredita que a moça é pura, além de acreditar ser uma menina rica e fina. Tieta também tem suas relações amorosas enquanto permanece em sua estadia na cidade, porém é com seu sobrinho Cardo jovem seminarista, filho da sua irmã Perpétua, que deixa de vez a promessa feita por sua mãe para se padre, pois também envolve com outra mulher, Imaculada. O grande segredo de Tieta é revelado, Leonora conta tudo a Ascânio que se revolta contra a moça e contra dona Tieta, espalhando todo o segredo para Sant’ Ana do Agreste. Nessas circunstâncias Tieta é obrigada a ir embora mais uma vez da sua cidade, na mesma situação.

⁴ No Brasil, os últimos trabalhos no campo da Estilística Literária aplicados a autores da literatura nacional são os citados no próximo parágrafo: Elia (1975), Barbadinho Neto (1976) e Lessa (1977).

concordância verbal – já negado por autores seus coetâneos – Elia (1975) e Lessa (1977) –, que trabalharam apenas pelo viés filológico.

Com isso, pretende-se não apenas se revelar uma nova forma de ler as obras da literatura brasileira do século XX – especificamente as do escritor baiano em foco –, como também indicar novas formas de se trabalhar a formulação escrita da norma-padrão do português no Brasil e seu ensino.

A pesquisa aqui é de natureza quantitativa e qualitativa, pois se trata de uma coleta de dados e análise, uma pesquisa bibliográfica e documental com coleta de dados e aplicação do método filológico.

Esta monografia é um trabalho acadêmico como pré-requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras Vernáculas.

Temos por fonte de coleta de dados às edições das obras amadianas publicadas pela Companhia das Letras, aqui avaliadas como definitivas, posto que autorizadas, se não pelo autor, por seus herdeiros, legítimos detentores dos direitos autorais de sua obra.

Além disso, este Trabalho de Conclusão de Curso é resultado de dois projetos de Iniciação Científica-IC/CNPq(2012-2014), integrantes de um projeto de pesquisa mais amplo, desenvolvido por nosso orientador, “Conservadorismo e inovação na norma literária modernista: o *corpus* amadiano e a revisão da gramática”. Devido a isso, já temos colhidos, mas ainda não totalmente sistematizados, os dados constantes de outras obras amadianas, além das aqui já referidas:

- os romances: *Cacau*; *Suor*; *Mar Morto*; *Jubiabá*; *Dona Flor e seus dois maridos*; *O país do carnaval*; *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*;
- os contos infantis: *O gato Malhado e a andorinha Sinhá* e *A bola e o goleiro*;
- os contos não infantis: *A morte e os triunfos de Rosalinda*, *O milagre dos pássaros* e *De como o mulato Porciúncula descarregou o seu defunto*;
- além das cartas constantes do volume *Toda saudade do mundo*.

A coleta de dados foi feita a partir da aplicação do método filológico: leitura de cada obra com destaque, no texto, de abonações dos fenômenos linguísticos selecionados e, em seguida, seu registro em fichas padronizadas.

Para tanto, essa monografia encontra-se dividida em três seções:

1 – esta Introdução;

2 – a Revisão de Literatura, onde é explanado sobre essa nova literatura, moderna, o Movimento Modernista, com as suas gerações, as mudanças ocorridas nesse novo período literário. Aqui também citamos o nosso autor em estudo, Jorge Amado, e busca compreender o uso do conservadorismo e inovação linguística, dentro da linguagem formal e coloquial.

3 – a Análise e Interpretação de Dados, na qual descrevemos e analisamos os dados coligidos sobre os dois fenômenos em análise para, em seguida, discorrer sobre como entendemos a presença, na escrita amadiana, de inovação e conservadorismo e como esses usos podem alterar a forma de ler seus romances e de descrever a norma-padrão do “português” brasileiro.

4 – As Considerações Finais, nas quais retomamos os objetivos específicos de nossa pesquisa e demonstramos ter respondido ao problema proposto.

2 - REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Modernismo: literatura nova, moderna, redescoberta

No começo do século XX, o Brasil sofreu uma modernização, entre os setores político, social e cultural. “Do Brasil redescoberto”, o país começa a ser uma nação com uma nova economia, com o início da industrialização chegando às grandes cidades brasileiras, consequência do fim da Primeira Guerra Mundial, assim promovendo a urbanização; por outro lado, o cultivo do café que fortalece a economia e as oligarquias rurais, sobretudo dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, a política do “café com leite” que gera uma forte economia nestes estados.

Em meios a esse novo Brasil, a literatura deixa um passado marcado por uma velha tradição literária. Esta que para os escritores modernos se achavam assentada, uma velha ordem, um passado cheios de ideias e realizações tradicionais que a eles eram vinculadas, assim romperiam com esses paradigmas já estabelecidos em fazer literatura pelas escolas literárias presente até a eventual época, onde haveria de ocorrer uma ação inovadora, nas artes, na literatura e em outros setores.

Movimento este caracterizado de Modernismo e a Semana da Arte Moderna, inaugurados a partir de 1922, que teria um novo estilo de fazer literatura, uma nova forma poética, assim buscando um novo compromisso, enfim, com a própria realidade brasileira para criar e recriar todas as formas artísticas da literatura brasileira. A partir do meio, do homem, das coisas, costumes, culturas e assuntos brasileiros são nesses sentidos que a produção intelectual, artística e cultural dessa nova geração abastece de inspiração.

Cansados de uma literatura formal, como a do Parnasianismo, que estava consolidada na época em que o movimento modernista aparece, os modernistas procuram inovação no âmbito literário, seja na linguagem, na

forma de expressão, no formato, marcando assim uma ruptura na elaboração da tradição literária.

Cerqueira (2010, p.3) “O projeto de inovação da literatura no Brasil se deu por meio da ruptura com os rígidos padrões parnasianos, com o objetivo de criar uma literatura genuinamente nacional e atual que correspondesse às exigências de seu tempo.” Enquanto os escritores de épocas passadas não se preocupavam em analisar a realidade brasileira, como os realistas/naturalistas e parnasianos e simbolistas, pois o objetivo central destes autores era totalizar na literatura o universalismo, o homem universal, suas qualidades e seus desejos.

Além disso, esses autores não consideravam a fórmula da fala popular como uma língua que poderia estar representada na obra, pois na escola literária passada, o romantismo deu um salto para que isso acontecesse, mas não foi possível, por causa da língua obrigatória ser a de Portugal, “[...] com a criação de um Diretório, em meados do século XVIII, que tornava a língua portuguesa oficial e obrigatória na colônia [...]” (MEIRA, 2009, p. 35). Para tanto, Pinto afirma:

Por isso os escritores realistas, naturalistas, parnasianos e simbolistas dificilmente deixam margem, no plano do autor, para infiltração da oralidade. Bem ao contrário, ostentam, no vocabulário e na sintaxe, um discurso extremamente elaborado. (PINTO, 1992, p. 27)

Ao contrário destes, os modernistas preocupavam-se com assuntos do decorrer do dia-a-dia da sociedade, criando, assim obras de nítido caráter social, além de representar a linguagem informal nas suas obras, a busca dessa língua própria, sem formalismos.

A linguagem também fez parte desta mudança, pois buscam abordar em suas obras, não em todos os escritores, uma linguagem mais simples, coloquial, sem complicações, assim como é representado à fala popular do povo brasileiro, para isso ignorando muitas vezes a velha tradição e normas gramaticais e o estilo formal.

Entretanto, a linguagem escrita é mais densa, rebuscada, cheia de normas tradicionais, sofisticada, enquanto a linguagem falada, em alguns, é mais simples, sem formalismo, falada de acordo com a sua cultura, sem

complicação. É neste momento que o escritor literário entra, pensando nesta língua, no modo como é dita pelo povo, no entanto é neste contato que ele representa no modernismo o verbal informal. Sobretudo, a língua literária não se produz sem as tradições linguísticas necessárias, de fato precisa de uma correção gramatical feita pelo autor da obra, para que possa atingir um valor estético na obra, escolhendo um belo material linguístico, selecionando as falas e assim compondo sua obra.

Mas, o escritor modernista, é produto também dessa cultura de uso linguístico menos formal, que vive em contato com seu povo, com diversas classes sociais, convive até mesmo com falantes de diferentes normas regionais e níveis intelectuais; assim, fica difícil o escritor escapar das variedades da língua, constituindo-se a sua literatura de influências das falas populares, mas com pudor, sem levar tudo de inovador para obra, pois é preciso selecionar a língua literária:

[...] a linguagem escrita é muito mais intensa a tolerâncias e a inovações do que o linguajar falado, sobretudo em se tratando da língua literária. É que esta é reflexo da cultura e da civilização de um povo, é produto da tentativa consciente do homem por atingir o Belo no domínio das letras, cabendo-lhe, portanto, escolher cuidadosamente o material linguístico, selecioná-lo, discipliná-lo, pela reflexão e pelo esforço. Mas não nos esqueçamos também de que o escritor é, antes de tudo, um homem, vale dizer, um ser social: ele vive no seio do povo, em contacto diuturno com os seus semelhantes de variadas classes sociais, de diferentes níveis intelectuais, de sorte que não lhe é possível, apesar de tudo, escapar inteiramente à influência das linguagens populares, razão pela qual fenômenos característicos destas também não de atingir a própria língua escrita, mas, evidentemente, sem a mesma constância, sem a mesma ansiedade, sem a mesma facilidade, com que as interpretações e mutabilidades se desenrolam nas linguagens faladas, porque a língua literária – deixamo-lo claro – é disciplina e seleção. (LESSA, 1976, p.27)

Há, de fato, uma seleção ao usar da língua literária escrita, mas para os modernistas esse monitoramento não precisava ser rigoroso, essa língua poderia ser representada como é dita pelo povo, já que o povo era a principal fonte de inspiração destes escritores:

[...] o povo é quem faz a língua, e esta, mesmo quando cristalizada nos esplendores das obras literárias, deve, tanto quanto possível, aproximar-se do linguajar corrente e refletir, com fidelidade, as variantes regionais. (LESSA, 1976, p.29).

Ao certo, o movimento modernista revelava em obras que o seu público leitor pudesse descobrir a sua realidade, o seu social, construir a própria identidade, por meio da fala, muitas vezes camuflada pela sociedade, e ao ver a sua fala em romances, contos, poesias, o homem o encontraria, e perceberia a vida, sua língua, a sua história em meios às obras modernistas.

É óbvio que colocar a fala popular dentro das obras foi algo criticado por alguns, não aceito por outros, principalmente pelos gramáticos, que usam as regras gramaticais na língua escrita, selecionando o que não faz parte da gramática retirando-o. Mas os modernistas não criaram uma nova “Língua Brasileira”, apenas mostraram a verdadeira identidade da língua brasileira, “a língua nossa de cada dia”, revolucionando, e assim transplantando para a língua literária escrita algumas expressões e características do linguajar falado do nosso povo.

O movimento modernista ocorreu em três gerações, a primeira geração marcada pela tentativa de definir e marcar posições, sendo que foi a geração mais radical, pois é quando começa a ruptura da tradição literária mantida no passado. Neste campo teve como escritores Oswald de Andrade e Mário de Andrade, entre outros, que começam a refazer a forma literária brasileira, inserindo o povo e a sua realidade em seus romances, além do indígena e a língua falada pelo povo. No entanto, nesta primeira fase quem se destaca é Mário de Andrade, assim:

[...] um dos artistas precursores e um dos principais teóricos da primeira fase do movimento, com os textos “Prefácio interessantíssimo” – integrante do livro apresentado na Semana de Arte Moderna, *Paulicéia desvairada* – e *A escrava que não é Isaura*; a segunda razão para a escolha do poeta, é que ele tem uma obra de crítica literária e artística vasta e rica, que o torna um dos representantes de vulto da atividade crítica no Brasil; e, em terceiro lugar, porque, tanto como escritor, quanto como crítico, sua obra pode ser considerada uma das mais bem-sucedidas do movimento modernista, dentro do que ele propunha: uma ruptura estética e ideológica dos padrões sociais em voga no Brasil no início do século 20. Exemplos que comprovam essa visão são *Macunaíma*, considerada ainda uma das obras mais representativas do movimento, assim como *O empalhador de passarinho* e *Aspectos da literatura brasileira*, dois livros que reúnem os principais ensaios críticos do autor. A característica principal que faz de sua obra uma das mais representativas da época é o aguçado senso crítico e a sensibilidade aos problemas de seu tempo, fossem eles de ordem estética ou social e política. (CERQUEIRA, 2010, p. 2)

O autor citado como marco inicial do Movimento Modernista buscava as devidas exigências que este novo movimento estabelecia, até na inovação linguística. Tadeu Luciano Siqueira Andrade afirma (2004, p. 2) que: “Acreditamos que este “grito” tenha sido dado por Mário de Andrade, nos prenúncios do Modernismo, uma vez que sua obra aproximava - se da linguagem do povo e trabalhava com temas populares”.

Ao exemplo, nessa inovação linguística temos como afirmação de Barbadinho Neto (1976) que Mário de Andrade escreveu nos seus romances essa língua popular, sem formalismo. Entretanto, o presente trabalho aqui mostrara que não só Andrade inovou a língua literária modernista, mas outros modernistas também.

Nesse sentido de inovar a “língua brasileira” se encontra o poeta desta primeira geração modernista Manuel Bandeira, que em tom de protesto contra a intolerância da língua popular afirma em versos:

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada (BANDEIRA apud ELIA, 1975, p.75).

Nasce, portanto, a ideia de nacionalismo com a língua popular, que está não é a língua errada, mas a língua certa, pois é a fala nossa do português do Brasil, então para que complicá-la, sendo nossa e dita pela maioria não é uma fala errada.

A segunda geração está mais afável do que a primeira, que gerou inúmeros romancistas em poetas. Essa geração foi construtiva, aprimorou o que a primeira já tinha começado, tanto na linguagem, como na temática das obras, que continuava em busca do homem, do estar no mundo, com a liberdade de expressão atualizada ou inventada. Neste campo os escritores foram Vinicius de Moraes, Jorge Lima, Murilo Mendes, entre outros.

A prosa nessa geração estendia-se para a área política, econômica, social e espiritual. Assim daria o encontro do autor com o seu próprio público

leitor, usando do próprio contexto sócio-histórico-cultural do leitor para criar a suas obras, pois dessa forma os leitores se identificariam no próprio texto, com isso a procura do homem brasileiro ramificado em várias regiões para representar na literatura.

Com Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, autores desta segunda geração que usam em suas obras a linguagem popular, a realidade do povo, criando um estilo novo e moderno de fazer literatura, abandonando todos os paradigmas ditados pela tradição gramatical e da literatura brasileira.

Com uma consciência crítica, os escritores dessa fase denunciavam em seus romances a desigualdade social, o coronelismo, o abandono de meninos de rua, a desumana vida dos retirantes, questões políticas, entre outras mazelas que se destacava na sociedade brasileira da época.

Por fim, a terceira geração é marcada por transformações no cenário político brasileiro, com a queda da Era Vargas, a geração de agora é mais intimista, com sondagem psicológica, conta com a escritora Clarice Lispector, e a fala regionalista nos romances de Guimarães Rosa, essa fase se apelidou de pós-modernismo.

Escritores deste novo movimento literário defendiam novos ideais para construção das suas obras, valorizava a nação, as particularidades da sociedade, a reconstrução das bases nacionais culturais brasileiras, de um país que no passado foi colonizado, que até o presente período de renovação do movimento literário em estudo mantinham marcas deste período na história, e até então nas manifestações literárias. Observamos nas palavras de Cerqueira (2010, p. 7),

Isso ocorreu porque, para superar as barreiras do passadismo e do academismo era necessário um espírito revolucionário que rompesse com os padrões herdados e, a partir dessa ruptura, criasse uma literatura atual e nacional, isto é, moderna.

Com esse novo estilo construía uma reflexão crítica deste passado histórico e das nossas tradições culturais, apagando o olhar que mantinham de um povo colonizado e os valores em nós omitidos pelos estrangeiros. Em tudo, com um único sentido promover uma nova literatura baseada na realidade brasileira:

Grandes valores, ainda por eclodir, na pintura, e na escultura, na música e na arquitetura, na poesia, no romance e no conto, reprimidos em seus anseios de renovação, presos a modelos passados e ultrapassados de expressão, desejavam ardentemente este momento. Momento que seria decisivo marco para a liberdade de criação, a livre busca em estética, a poesia autônoma, a emancipação, enfim, para dar à arte outras manifestações, para dar expansão, franca e livre de preconceitos, à representação de nossa realidade, tal como apreendida por cada qual – através de formas, linhas, planos, cores, volumes, palavras e estilo, segundo a nova concepção da vida então formada, baseada na experiência brasileira (SANTOS, 1993, p.60).

Nas palavras de Santos nota-se como os escritores deste novo movimento literário tinham “sede” de fazer uma nova literatura, pois o momento era um marco decisivo para a libertação, liberdade de criação, a livre busca de novas ideias, a expressão de novos conceitos, livres de um mundo opressor, com preconceitos, que até na literatura existia uma tradição, e com o novo conceito de fazê-la dando ao momento a liberdade de escrever o que a realidade brasileira passava a nova concepção de vida formada.

A revolução modernista, tendo em vista a valorização das coisas, motivos e temas brasileiros, estender-se-ia, naturalmente, a outros setores (SANTOS, 1993, p.61). Partindo deste pressuposto é nítido observar que o movimento aderiu a vários setores, como aos estudos sociológicos, etnográficos, econômicos, políticos e linguísticos. No âmbito da linguagem procuravam a liberdade, pois os romancistas das escolas anteriores ao do modernismo viviam presos ao da língua falada em Portugal, sendo que os romances eram publicados a tradição gramatical ditada pelos portugueses.

Essa literatura não estava apenas presa a um único conteúdo, mas na maneira de expressão, na linguagem, no estilo, e com a chegada do novo movimento literário, rompem-se os vieses, as amarras, assim criando novas ideias, costumes, e, assim dentro da linguagem, pela qual o povo exprime seus anseios, pensamentos, vontades, desejos, mostrando a simplicidade da fala popular, contudo estavam fazendo uma nova literatura, em busca da realidade brasileira e de fato era preciso uma linguagem menos complexa, rebuscada, na forma como a sociedade se comunicava.

De modo que, o que de fato tornou-se de grande repercussão mais significativa, quanto à chegada e esperada do movimento Modernista na

literatura foi à intensa modificação que sofreu a linguagem literária, pois a revolução modernista esteve presente na linguagem:

Com algumas exceções, que vinham ainda o século passado, como José de Alencar, Machado de Assis e outros, a redação do trabalho literário era ainda subordinada aos cânones linguísticos de Portugal e dos seus escritores, cujos textos, preocupados os seus autores com os rigores da gramática chegam a sacrificar a própria estética (SANTOS, 1993, p. 97).

Contudo, nada mais justo que romper com este paradigma, afirmado aqui por Santos, pois o Brasil na presente época da Revolução Modernista não vivia a domínio de Portugal. Até então, como percebemos a nossa literatura escrita em solo brasileiro era reescrita quando mandada para as editoras em Portugal, pois o idioma bem falado até a época citada era o “Português de Portugal”, usando assim de um conservadorismo da tradição gramatical ao corrigir as obras para publicação, desde então perdendo até a própria estética da obra literária.

Com a inovação no campo da linguagem literária, os modernistas conseguiriam de certo modo conquistar esse novo universo estético da literatura moderna, rompendo com o conservadorismo linguístico estabelecido pelos outros escritores:

[...] a ruptura da linguagem e o seu desnudamento no interior da obra literária eram ações primordiais na “fase heroica” do modernismo. Somente por meio dessas conquistas no campo estético, o modernismo seria capaz de atingir seu objetivo: inovar a literatura nacional. (CERQUEIRA, 2010, p.7)

Assim, um país novo, redescoberto, teria o direito de propor a sua própria linguagem, assumindo de vez o uma língua de caráter nacional e os modernistas se preocupavam em representar isso de uma maneira fácil e coloquial, abolindo esse uso conservador, e adotando um uso inovador na linguagem e estética literária:

O Movimento Modernista, com sua influência decisiva sobre múltiplos aspectos da arte a vida, os costumes inclusive, libertou nossos escritores, que passaram a usar linguagem mais livre, menos policiada pela gramática, mais simples, mais identificada com o modo de falar do povo. A linguagem natural, informal, espontânea, própria á fluidez da narração. Não é só a linguagem crua, a oração composta de palavras duras, nuas, através das quais pretende o autor conferir

legitimidade á narrativa, que teve sua fonte de inspiração no povo, envolve o povo e a legião menos favorecidos, vagabundos, desocupados, ladrões, batoteiros, rameiras, bebedores. Mas é, sobretudo, a linguagem natural, desprovida de formalidades gramaticais, livre, sem afetação, despojado do abandono dos adjetivos, a linguagem feita de palavras que brotam espontaneamente do narrador, e eles as dispõem no arranjo artístico da frase e do período (SANTOS, 1993, p.98).

Segundo Santos (1993), a literatura precisava deste marco inicial para construir um novo patamar linguístico nas obras literárias, dando as mesmas vozes do dia-a-dia das pessoas, que assumem a sua identidade por meio da língua, mostrando a linguagem espontânea, sem regras e tradição, a linguagem solta, deixando de lado o padrão, o conservadorismo linguístico, buscando agora a inovação linguística. Assim, os modernistas conseguiriam radicalizar o campo estético da linguagem literária: “Sua radicalidade está no fato de ter conseguido atingir as mudanças mais representativas, tanto no âmbito estético, pois conseguiu de fato por em prática uma linguagem inovadora [...]” (CERQUEIRA, 2010, p. 10). Hoje, ao contrário, vista de maneira mútua, que por ser um idioma vivo sofrer naturalmente várias transformações, com essa evolução, alguns estudiosos do campo linguístico não se escandalizam com a inovação usada nas obras literárias modernistas, pois sabem que a língua é um produto social, profundamente ligada, portanto, ao sabor do ser humano, sendo ele produto do que fala que está ligado á sua cultura, sociedade, convívio social.

Os modernistas lutaram contra os gramatiqueros, contra o uso intolerante do conservadorismo linguístico, trouxeram a libertação para a língua popular, onde a gramática oculta aprisiona, com suas normas e regras. De fato, conseguiram a aproximação da língua falada brasileira, a língua escrita, usando o vocabulário popular, consagrando as diversas características da sintaxe brasileira, combatendo assim o puritanismo. Mas não podemos pensar que essa nova estrutura em elaborar as obras tenha sido obrigatória em todas as línguas literárias até os nossos dias, isso foi um marco usado pelos modernistas para representar o falar do povo, diminuindo as distancias entre a língua escrita da língua falada em nossa sociedade, consagrando o popular brasileiro:

O uso emotivo da linguagem, [...] é aquele que pretende produzir efeitos na emoção e na atitude. [...] emoção despertada pelo uso da língua explorada em todo o seu 'meaning' estético, encharcando-nos completamente a alma, dominando-a totalmente. Evidentemente, há quem pense que a literatura é conteúdo, é pensamento – de natureza filosófica, religiosa, ética, política, em uma palavra, concepção do mundo, e que a grandeza e o valor da literatura estaria na razão direta da eficiência com que lograsse captar e registrar essas mensagens (...) Por assim pensar foi que modernamente se negligenciou o valor estritamente literário da literatura. Dentro da mesma ordem de ideias, a crítica moderna passou a descurar esse aspecto, especializando-se em buscar na literatura o pensamento, a mensagem, a lição, o homem que a produziu, a sociedade de que emergiu. Esqueceu-se de que literatura é palavra artisticamente manipulada para despertar emoção (...). Tudo a mais secundário, ou decorrência. Ação, personagem, ambiente, situação, enredo, tema, não viveriam não fosse o instrumento da palavra comunicar-nos a emoção. (LESSA, 1976, p.139)

A literatura em geral é produto de uma palavra que serve para despertar emoção. Tudo no qual é usado para compor uma obra literária faz uso da palavra, enfatiza Andrade (2004, p.3) que “É na literatura que pode ocorrer uma descrição perfeita da variação linguística, porque a linguagem é, para o autor, um elemento expressivo do retrato social, do ambiente e dos personagens”. Então o novo movimento literário apenas desfruta em seus enredos dessas palavras inovadoras da linguagem popular, despertando ao leitor se ver dentro da obra, acreditando levar para esse público um pouco da sua realidade, sua história, a sua língua.

2.2. Jorge Amado: língua, povo, realidade

O Modernismo repercutiu por todo o Brasil, com todas as suas inovações, no campo da estética, da expressão, da linguagem e entre outros aspectos, apanhando em cada Estado brasileiro vários escritores que tinham vontade de fazer a renovação no campo literário. Sobretudo, a Bahia também teve seu destaque e dentro desta vasta particularidade de escritores serviu-se Jorge Amado, que em várias de suas obras adotou essa nova forma de fazer literatura, pois como ele bem afirma: “Lutávamos por uma literatura brasileira que, sendo brasileira, tivesse um caráter universal; por uma literatura inserida no momento histórico que vivíamos, e que se inspirasse em nossa realidade, a fim de transformá-la” (AMADO *apud* SANTOS, 1993, p.59).

Jorge Amado tinha o povo como a fonte de tudo, o meio rural ou urbano, os costumes, crenças, culturas, as coisas, o homem brasileiro, sem falar na linguagem, que, sendo meio de expressão, trazia a marca da nacionalidade, isso que dava inspiração para este homem escrever. Como ele próprio afirma:

Limitado no que se refere à criação literária, não sei trabalhar senão a realidade que conheço por tê-la vivido, sou ficcionista de dois temas únicos, as terras do sem fim do cacau, a vida popular da cidade da Bahia, voltejo em torno deles, repito cenários, personagem, emoções. (AMADO, apud, WITKOWSKI, 2004, p.83)

O cenário para criação das suas extraordinárias obras era de fato a Bahia, sua cidade, lugar de origem, gostava disso, representar em suas obras o que por ele foi vivido e as experiências adquiridas, além disso, tinha como marca a representação da linguagem local, coloquial, sem formalismo, linguagem simples, rebuscada da mais pura inocência de uma língua materna.

Linguagem esta, sem compromisso com as regras gramaticais, sem períodos longos, onde seu leitor, “o povo” pudesse se identificar como própria fonte do texto.

Assim, por meio da linguagem coloquial, menos complexa, que dá à nossa literatura brasileira a nacionalidade, por isso que Jorge Amado usava dela de legitima em seus romances, centrado no povo e em sua fala, “[...] acredito, que tenho grande conhecimento da língua falada pelo povo. Eu o conheço bem, e, quando estou escrevendo um romance, ele me vem facilmente” (AMADO *apud* SANTOS, 1993, p.101).

Partimos do pressuposto de que Jorge Amado pretendia chegar aos seus leitores de uma forma mais simples, usando uma linguagem coloquial, com a qual eles pudessem se identificar, pois a linguagem é influenciada pelos fatores sociais e culturais, sendo assim este autor constituía sua obra em denúncias de questões sociais, então, a língua também fazia parte desta realidade baiana:

Se a linguagem é influenciada pelos fatores sócios - culturais, qual o padrão linguístico usado por Jorge Amado para retratar o povo em suas obras? Já que a sua obra consiste em uma denúncia social e, considerando a interferência dos fatores sociais na língua, eis a explicação de um padrão linguístico simples, marcado pelo lirismo e

pela postura ideológica, que retrata o falar do povo. (ANDRADE, 2004, p.2)

Jorge Amado tinha como principal objetivo tratar, em suas obras, da realidade social brasileira, representado não somente a memória, o sofrer, mas também as alegrias do povo brasileiro, sua beleza e liberdade. Ideologicamente marcadas por ideias socialistas e escritas em tom direto, lírico e participante, as obras da fase inicial de sua carreira, entre as quais, *Suor*, retratam a miséria e a opressão do trabalhador rural e das classes populares:

E uma das razões que mais contribuíram para a repercussão daquele brado foi a linguagem, informal e crua, empregada pelo romancista. Eram palavras conhecidas de todo mundo, dessas não usadas abertamente, e que apareciam com naturalidade, no entrecho, reproduzindo o modo de falar da gente humilde. O jovem autor entendera dar maior autenticidade oral à estória e não vacilaria em quebrar o tabu. Um escândalo. A dita elite autoperpetuamente refugia qualquer mínima infração às normas correntes: podem pôr em risco a estrutura geral. Sempre foi assim, e o artista tem de munir-se de ousadia para opor-se a rotina (TAVARES, 1980, p.189).

É ouvindo o falar do povo brasileiro, misturado a diversas culturas, saberes, que Jorge Amado recebe inspiração para representar em suas obras a vida do “povão” baiano.

Em quase todas as suas obras, Jorge Amado utiliza como cenário a Bahia, denunciando o abandono de crianças de rua em Salvador, as lutas entre coronéis do cacau e exportadores. Ele compõe um rico painel de costumes da sociedade baiana, em seus aspectos culturais, comportamentais, linguísticos e religiosos, fazendo assim uma reviravolta nos costumes presentes da época.

Além de representar a realidade do povo brasileiro, Jorge Amado buscava chegar ao seu público leitor escrevendo em linguagem simples, usando do coloquial, popular, sendo, entretanto, conservador quando necessário, e inovador a partir da fala informal, assim:

O vocabulário, considerado como obscuro, encontrou aproveitamento no uso da língua, marcado pelos fatores situacionais. Isso foi uma das razões que mais influenciaram para a repercussão das críticas acerca da linguagem amadiana. Eram palavras conhecidas por todos e que apareciam com naturalidade nos textos, reproduzindo o falar das classes menos favorecidas. Jorge Amado deu autenticidade à língua, especialmente na modalidade oral, não vacilando em quebrar os preconceitos. Nos tempos de perseguição e opressão à expressão do pensamento, Jorge Amado, munido de ousadia e consciência

política, retratou fielmente os costumes, dando expressão literária ao linguajar do povo. (ANDRADE, 2004, p.4)

Para Jorge, a literatura e as palavras que a compunham significam vida; assim sendo, para que complicação? O objetivo de sua narrativa poética era chegar ao povo da maneira simples e direta possível. Com isso, era preciso escrever diante de um estilo que o povo pudesse entender e se identificar. Assim, ele se utiliza da fala popular em suas obras, permanecendo no mesmo tom.

As obras amadianas não apenas denunciava as mazelas sociais ocorridas durante o período em que ele estava inserido, mas estavam intimamente ligadas as falas estigmatizadas do povo baiano. Observa esse fenômeno em Andrade que faz um estudo nessa fala popular baiana contida dentro dos romances amadianos:

O falar dos pais e mães-de-santo em cultos aos orixás, quando sofriam a perseguição imposta pela polícia nos terreiros de candomblé;

O falar dos grevistas, exigindo respeito e dignidade humana, liderados por *Pedro Bala*;

O falar dos *capitães da areia* que, mais tarde, ressoaria na Candelária e em outras partes do Brasil;

O falar das prostitutas, vítimas da sociedade preconceituosa, em que a mulher ainda é explorada;

O falar dos saveiros, tangidos pelas águas da Baía de Todos os Santos, despedindo - se das mulheres no cais;

O falar de muitas *Grabielas*, *Terezas* e *Tietas* que, com guerra, conquistaram os seus espaços no contexto social;

O falar autoritário dos coronéis em Ilhéus;

O falar sangrento na disputa pelas terras do cacau;

O falar do negro discriminado que aqui chegou e constituiu grande parte de nosso patrimônio cultural. (ANDRADE, 2004, p. 4)

Toda a fala desta gente humilde ao observar está presente nas obras amadianas, são pessoas que vive a margem de uma sociedade injusta, sem esperança, opressora de um mundo cruel, que vive de forma trágica, lutando todos os dias para sua sobrevivência e sem reconhecimento na sociedade. São estes personagens vivos, que Jorge Amado representa em sua obra, trazendo para o mundo, (pois ele é o escritor mais bem lido em todo o mundo) conhecer esses que fazem parte da nação brasileira, porem estão escondidos, por não falarem como de fato pede a norma padrão da gramática.

Por causa desta postura, o escritor baiano foi muito criticado. Para a Crítica Literária mais tradicional e os puristas da língua, a linguagem amadiana ficava bem longe da norma-padrão e se caracterizava por um descuido formal da escrita.

Embora conhecedor da norma-padrão, ele não se preocupava com formalismos, utilizando-se em sua escrita literária da inovação, para conseguir representar a fala popular.

Como, em suas obras, ele estava representado a sociedade brasileira, tendo por foco principal o cotidiano do povo, nada mais justo do que retratar a falar popular, permanecendo, assim, fiel à variante inovadora. Podemos assim dizer que Jorge Amado cria, na sua literatura, uma competição entre a inovação – representada pela fala popular – e o conservadorismo linguístico – representado pela fala do narrador, onisciente, ou seja, conhecedor de tudo, inclusive da norma-padrão.

Sobretudo, com todos esses requisitos, com essa forma inovadora na linguagem dentro da literatura, Jorge Amado não foi esquecido nas estantes, mas sim evoluiu para o Brasil e para o mundo, visto que sua obra foi traduzida para 30 países, é um dos escritores modernos mais bem lidos de todos os tempos, “É, portanto, toda uma rede literária e política que se estende em torno do jovem que, aos vinte e quatro anos, via suas histórias atingirem outros países” (DUARTE, 2004, p. 74).

Isto é, Jorge Amado foi reconhecido mundialmente por fazer uma literatura nacional, Duarte, (2002, p.53) “[...] viria a ser um dos maiores narradores do Brasil [...],” sendo que aborda questões sociais, o povo, a vida, as incertezas que a vida nos revela, o vivido, o dito pelo povo, enfim, sua literatura é genuinamente brasileira, onde o mundo passa a se interessar por ela, suas obras são traduzidas e agradam mundialmente o público leitor.

2.3. Língua: Conservadorismo e Inovação

Um dos instrumentos mais bem utilizados pelos seres humanos para a comunicação é a língua. Assim, é por meio dela que se estabelece o convívio social. Ela é essencial e inseparável do ser humano, acompanhando-o em todos os momentos de sua vida, envolvendo seus pensamentos e sentimentos;

é o recurso último e indispensável do homem, mediando-lhe a sociointeração e possibilitando-lhe meios de expressão. No entanto, os costumes, as culturas fazem com que a língua não seja uma só, mas sim heterogênea, variável.

Conforme Bagno (2007), a língua está em constante mudança. Com isso ela se renova a cada época, estando sempre em desconstrução e em reconstrução, ou seja, ao contrário de um produto pronto e acabado, a língua é um processo, um fazer permanente e jamais concluído, contudo a língua sofre suas modificações, não para no tempo e no espaço, transformando-se em cada contexto onde o indivíduo falante se encontra.

Desde então, todos somos falantes de uma língua materna, ao qual já nascemos com ela, como diz Chomsky “é inata” temos a capacidade da fala logo quando o sistema fonológico começa a funcionar, mas para os gramáticos existe um padrão dentro dessa fala, que nos tenta ensinar como é devidamente correto falar a nossa própria língua. A língua como uma tradição gramatical, ditadas de regras e períodos. Assim,

Podemos dizer que a gramática tradicional pretende estabelecer as regras de uma língua e através delas ensinar a língua áqueles que já dominam. Há uma contradição nessa definição: se os aprendizes já dominam a língua, a gramática nada terá a ensiná-los (MATTOS E SILVA, 1996, p.12).

De fato o falante já domina a sua língua, sendo assim a gramática não terá o papel de ensinar como usar esta língua adequadamente como ela pede, mas a gramática se faz presente e tenta passar as suas regras, impondo ao falante um uso formal e adequado durante a comunicação, porem não são todos falantes que tem o uso da gramática, este é “o povo”, onde fala a sua língua materna adquirida em seu espaço, na sua comunidade, lugar onde se vivi, língua esta criticada por gramáticos, não aceita pela elite, mas que de fato representa o vernáculo brasileiro.

Deste modo, notamos até aqui que o movimento modernista com a nova forma de usar a linguagem inovadora, que foge da tradição gramatical, está inserido neste aspecto que a língua é inata e pertence a cada indivíduo que a domina. Em que os escritores modernistas, assim como Jorge Amado ao usar da inovação linguística estando distante dos padrões estabelecidos pela regência da gramática tradicional, não estavam em momento algum

contradizendo o que a norma diz sobre como devemos usar a língua, “corretamente”, mas estava apenas representando a nacionalidade brasileira nas obras por meio do próprio linguajar.

A partir disso, este estudo busca compreender e analisar a escrita literária do escritor modernista baiano Jorge Amado, com objetivo de avaliar o uso variável da concordância de número no interior do sintagma nominal (doravante, SN), e a concordância verbal investigando o conservadorismo e a inovação linguística nessa escrita.

No estudo, analisamos duas obras amadianas – *Gabriela, cravo, canela* e *Suor* – levantando as ocorrências do fenômeno uso variável da concordância de número e para analisamos a concordância verbal utilizaremos – *Tieta do Agreste, pastora de cabras*.

No estudo ora proposto, assumimos como pressuposto teórico geral a existência de um uso variável da língua literária em Jorge Amado, sintetizável em duas tendências: **conservadorismo** – uso de construções de acordo com o padrão prescrito pela Tradição Gramatical – e **inovação linguística** – atualização de usos imprevisos pela Tradição Gramatical e, portanto, socialmente estigmatizados.

Especificamente em relação aos fenômenos que pretendemos observar, tomamos como pressuposto inicial os usos registrados pela Tradição Gramatical.

Almeida (1985) afirma que os substantivos, tal qual se encontram nos dicionários, indicam um só elemento, uma única unidade, ou seja, encontra-se sempre na forma de um ser, flexionaremos numericamente o substantivo, e diremos então que o substantivo passou para o plural. Isto de poder o substantivo indicar um ou mais objetos é o que em gramática se chama número. Número gramatical é, pois, a propriedade que têm os substantivos de indicar um ou mais objetos.

Bechara (2006) enfatiza que em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora S fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa. O singular se caracteriza pela ausência dessa desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

No entanto, o português vernáculo brasileiro trata dessa regra de maneira diferente da língua escrita, fugindo ao padrão: a marca do plural – a saber, o sufixo S (e suas variantes alomórficas) – o mais das vezes, ocorre apenas no primeiro elemento do SN, quando este é um determinante, um quantificador ou um possessivo, ou seja, os elementos pré-nucleares, exceto o modificador. Assim, ambas as formas dadas são aceitáveis. Ex: Os livros/ Os livro. Se não há termos pré-nucleares, o núcleo pode aparecer sem marca de plural, caso em que a concordância é toda feita no singular, como prescreve a norma-padrão: Meninas são muito estudiosas X Meninas é muito estudiosa.

Segundo Perini (2010), essas são regras do português brasileiro, seguidas por praticamente todos os falantes, de todas as classes sociais e de todas as regiões. Não se trata de linguagem “inculta” ou “regional”, mas do vernáculo comum a todos os brasileiros, ou seja, todos nós utilizamos dessa maneira na concordância de número no interior do SN.

Além disso, o autor enfatiza que o caráter morfológico desse fenômeno: não se trata de simples omissão do **S** final. Prova disso é a conservação do **S** quando ele não é marca de plural: atrás, nós, Luís, formas que sempre mantêm o **S**. Além disso, alguns itens lexicais sofrem abertura da vogal média no plural, conservando-a, mesmo quando perdem o **S**: “os ovo”, “os olho”, “os óio”, com o aberto.

Quanto à concordância verbal a tradição gramatical defende a ideia que segundo Bechara (2006), se entende por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical. O verbo apresenta variações de Número, de pessoa, de modo, de tempo e de voz.

Em Rocha Lima (1986), encontramos a definição para a concordância verbal, em que o verbo que denota ação, estado, ou fenômeno, é a parte da oração mais rica em variação de forma ou acidentes gramaticais. Estes acidentes gramaticais fazem que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: voz, modo, tempo, número e pessoa. Por sua vez, Cunha (1978), afirma que o

verbo apresenta variações de número, de pessoa, de modo, de tempo e de voz.

Nota-se que em ambas gramáticas os autores trazem a mesma definição para a concordância verbal, não há contradição ao definirem como se faz a relação gramatical de um verbo na frase ou na fala:

A relação íntima entre o sujeito e o verbo determina que este se acomode ao número (singular ou plural) e à pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) daquele. Dizemos, por isso, que o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. A nossa língua é muito rica no tocante à concordância do verbo com o sujeito, a que chamamos também de concordância verbal. (BECHARA, 2005, p.42).

Além disso, o verbal também pode ser suprido durante a sua conjugação, ao invés de acrescentar o sujeito e o verbo na fala, apenas o verbo faz a conjugação, ou seja, para evitar a repetição de número e pessoa, só o verbo sofre a transformação de concordância, Cunha (2001), “A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variedade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito[...] Evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada”. Sendo assim, para evitar a repetição do sujeito tanto na escrita como no oral, o sujeito é indicado juntamente com o verbo que a ele é adequado.

O verbo tem uma importância crucial na participação na vida da linguagem, ele é a classe de palavras dita como digna e necessária para a articulação e expressão do conhecimento e da interação social. Observando isto, as gramáticas tentam ensinar uma coisa padrão escrita por vários, o que de fato está estabelecido pela prescrição gramatical, porém com um único conceito, mas a língua não para, ela sofre transformações, não se constitui presa aos padrões gramaticais.

Assim, é preciso deixar de lado o paradigma de conservadorismos linguísticos ditados pelas gramáticas e apanhar a inovação linguística, para isso que observamos dentro da escrita amadiana como estes fenômenos acontecem, dentro das falas dos personagens, que em particular representa o povo.

Por outro lado, a conjugação verbal no Português Brasileiro, prescrito na gramática descritiva traz um quadro com a sua maneira própria de conjugar os verbos, sendo que, qualquer um de nós, de qualquer região do país, de qualquer nível de escolarização, de qualquer classe socioeconômica, homem ou mulher, devidamente saberá reconhecer e conjugar os verbos ao seu modo, sua maneira, mediante a prescrição do quadro 1 do PB, Ramos (2012):

Quadro 1: A flexão verbal em português padrão, coloquial brasileiro e não-padrão brasileiro

	pronomes	português padrão	PB não-padrão (não-estigmatizado)	PB não-padrão (estigmatizado)
P1	eu	canto	canto	canto
	tu	cantas	canta	canta
P2	você	–	canta	canta
P3	ele/a	canta	canta	canta
P4	nós	cantamos	(cantamos)	canta
	a gente	–	canta	canta
P5	vós	cantais	–	–
	vocês	–	cantam	canta
P6	ele(a)s	cantam	cantam	canta

No quadro acima, observamos diferentes paradigmas de conjugação verbal existentes no português brasileiro:

1) constituído de seis formas verbais, o primeiro deles corresponde ao padrão idealizado pela Tradição Gramatical e, via de regra, não se concretiza, em sua plenitude, em nenhum registro do vernáculo brasileiro contemporâneo;

2) por outro lado, o segundo deles (português não-padrão e não-estigmatizado), terá quatro ou três formas verbais, a depender da caracterização sociolinguística do usuário – que envolve fatores diferenciados, como o grau de escolaridade, a faixa etária, o gênero, o local de nascimento do indivíduo, sua inserção ou não no mercado de trabalho, etc. – e do contexto da uso da língua (modalidade oral ou escrita, grau de formalidade da situação comunicativa, etc.), correspondendo a usos urbanos de diferentes graus de prestígio, mas, ainda assim, não-estigmatizados;

3) enfim, o último paradigma (português não-padrão e estigmatizado) opõe apenas duas formas verbais e corresponde a variedades rurais ou rurbanas, de menor prestígio social, usadas, contudo, em situações de

ausência de (ou pouco) monitoramento da fala, mesmo por pessoas de grau de escolaridade superior, os usuários da chamada norma-culta.

Se olharmos para a história da língua registrada nos textos remanescentes, poderemos ver que, no chamado período do português arcaico (entre os meados do século XIV e os meados do século XVI) a concordância verbal obedecia, *grosso modo*, ao paradigma prescrito pela tradição gramatical. Contudo, o desenvolvimento da história do idioma, tanto em Portugal quanto no Brasil, posterior ao português moderno, levou a mudanças no sistema de pronomes pessoais, conforme Ramos (2012):

Quadro 2: Pronomes pessoais da tradição gramatical (e, grosso modo, do início do português moderno)

		O B L I Q U O S				
Nº	Pes.	RETOS	ÁTONOS	TÔNICOS	PREPOSICIONADOS	POSSESSIVOS
Singular	1ª	eu	me	mim	comigo	meu/minha/s
	2ª	tu	te	ti	contigo	teu/tua/s
	3ª	ele/a	o/a/se	lhe/si	consigo	seu/sua/dele/a/s
Plural	1ª	nós	nos	nos	conosco	nosso/a/s
	2ª	vós	vos	vos	convosco	vosso/a/s
	3ª	eles/as	os/as/se	lhes/si	consigo	seu/sua/dele/a/s
		sujeito	objeto direto	objeto indireto	adjunto adverbial de companhia	adjunto adnominal
FUNÇÃO SINTÁTICA PREDOMINANTE EXERCIDA PELO PRONOME						

Como se vê, as gramaticais tradicionais relacionam a concordância do verbo com o sujeito a uma adequação entre o número e pessoa de um ao do outro, considerando como “erro” quando não existe essa concordância, apesar de não ser um erro para os descritivos, observando o quadro acima. Contudo, essa mesma tradição desconsidera as formas pronominais inovadoras que expressam essas categorias, próprias do vernáculo:

Quadro 3: Subsistema de pronomes casuais do português do Brasil

FUNÇÃO SINTÁTICA EXERCIDA PELO PRONOME					
Nº	Pes.	sujeito	objeto	adjunto adverbial de companhia	adjunto adnominal
Singular	1ª	eu	eu/me/mim	comigo	meu/minha/s
	2ª	você	você/te/lhe	com você	seu/sua/s; de você
	3ª	ele/a	ele/a/s; te/se/lhe	com ele/a	dele/a/s
Plural	1ª	nós a gente	nos a gente	conosco/com nós com a gente	nosso/a/s da gente
	2ª	vocês	vocês	com vocês	seu/sua/s; de vocês
	3ª	ele(a)(s)	ele(a)s	com ele(a)s	dele/a/s

Observando o quadro acima, notamos que não só a variação de concordância verbal é um uso desapropriado pela gramática tradicional, mas o uso dos pronomes inovadores também, estes mesmo concordando com o verbo são banidos da rústica gramática, apesar de que como vimos nas regras dos descritivos o uso destes pronomes são mais evidentes na hora da comunicação, esse uso inovador tão castigado pela gramática é o mais bem pregado pelos falantes, de certo modo, como diria os gramáticos é um vocabulário suprido, uma língua pobre, mas não existem línguas pobres ou ricas quando tem entendimento.

Assim, consideramos usos inovadores da concordância não só os que contrariam os usos conservadores, como os relacionados a essas formas pronominais inovadoras:

A substituição do “tu” e do “vós” pelo “você(s)”, amplamente majoritária no território brasileiro, e, mais recentemente, a substituição do “nós” pela expressão nominal “a gente” podem ser considerados os elementos que desestabilizaram o sistema pronominal na norma culta do PB. (LUCCHESI, 2009, p. 46)

Isto é, essas formas pronominais já estão marcadamente institucionalizadas no vernáculo brasileiro que não pode ser considerada mais como “erro”, banalizada pela gramática normativa, mas sim aceita como uma forma popular.

De certo modo, a linguagem oral é que fornece um papel importante na interação do homem no ambiente em que vive, pois ele se constitui como sujeito. Constituindo a língua o meio de interação social entre os membros de uma comunidade, estando ela formal ou não, o que precisa é a compreensão da fala durante a comunicação, sendo assim não á erro, mesmo estando longe dos padrões gramaticais:

[...] dialetos são falares que têm a mesma origem que a língua comum do país, perante a qual, no entanto, passaram a ocupar posição de desprestígio. A variante institucionalizada, dita padrão, descrita na gramática e nos dicionários, representa a nacionalidade, para todos os fins. (PINTO, 1992, p. 7)

Conforme Pinto, é essa língua rica de vocabulário, de acordo com as regras prescritas pela tradição gramatical, institucionalizada como padrão, para todos os fins, que tem caráter nítido e de cunho e caracteriza a nacionalidade brasileira, língua essa carregada de valores europeus, aportuguesada, que nunca muda “[...] quando o “bem escrever” e o “bem falar” se pautavam obrigatoriamente pelo modelo português” (PINTO, 1992, p. 8). Enquanto a língua materna, esta “nossa de cada dia” era desmoralizada, obrigada a servir os esplendores do bem falar pelas gramaticais tradicionais.

Entretanto, o que vemos é a língua das classes inferiores sendo esquecidas, por serem usadas por pessoas estigmatizadas, pois quem fala bem é quem detém todos os conhecimentos gramaticais, os detentores do poder, fazendo com que excluísse e oprimindo os que usam da sua fala popular. Sobretudo essa língua popular e oriunda de uma cultura, de um produto sócio-histórico-cultural, bem lembrado por Meira (2009):

Toda língua reflete o contexto sócio-histórico e cultural de um povo e é utilizada por este como instrumento de comunicação. Uma língua representa de certa forma a história e cultura da sociedade na qual ela emergiu. Falar, portanto, de uma língua é falar da história da sociedade onde ela é falada, o que não seria diferente com a língua portuguesa chegada ao Brasil no século XVI. (MEIRA, 2009, p.11)

Estes representam o vernáculo brasileiro, omitido pela miscigenação de brancos e escravos, analfabetos que trabalhavam na lavoura e de tal modo ocorria o contato com as línguas e a aculturação. Sendo assim, a linguagem popular é basicamente constituída dentro da história, com base na cultura e formação dos povos, sendo ela de fato nacionalizada, omitida dentro do contexto histórico, levando em consideração o uso da fala coloquial ou até mesmo da gramática normativa.

A partir de então, que a língua brasileira vai se afastando da língua falada em Portugal, originando o “Português Popular Brasileiro.” Pinto (1992) é o sentimento nacionalista que leva o povo a criar reivindicar uma língua própria. Sendo assim, transformado por essa hegemonia que ocorreu no país desde o descobrimento, surgindo assim às variantes ocasionadas por fatores extralinguísticos, dando a nacionalidade de uma língua própria:

Assim, longe de negar a importância da influência africana e indígena para nossa cultura, queremos identificar as Raízes linguísticas românicas e lusitanas que insistem em permanecer em nossas bocas e em nossas falas e que, com mais intensidade, se revelam nas falas e nas bocas dos brasileiros que tiveram pouco acesso aos bancos escolares ou que habitam as áreas rurais e as periferias das grandes cidades. (NARO; SCHERRE, 2007, p. 17)

É assim que a língua sofre suas modificações, e a fala popular está tão presente na sociedade, mas quem detém as regras gramaticais são aqueles providos de escolarização e estão inseridos na classe social elevada, mas em estudo é comum notar que a variação da norma culta ocorre em todas as classes. Além disso, como somos providos dessas influências linguísticas no decorrer do processo histórico adotamos com intensidade essa língua variável, que permanecem longe dos padrões gramaticais.

Desse modo, a diversidade linguística existente em nosso país é decorrente de todo esse processo, entretanto essa heterogeneidade marcada por inúmeros fatores, inclusive pelo próprio produto que é o processo sócio-histórico-cultural, não é naturalmente bem vista dentro de uma sociedade escolarizada, social, que regem a ditadura da gramática normativa.

A diversidade linguística muitas vezes foi, e é tratada como preconceito por boa parte dos que detém o domínio da fala e da escrita gramatical, no entanto o nosso vernáculo foi desenvolvido por meio dessa diferença, a constituição da nossa língua está vinculada á história dos diferentes povos que habitaram as nossas terras durante o contato de colonização com o nosso povo. Antes mesmo de discriminarmos a nossa diversidade linguística, devemos entender o nosso contexto sociolinguístico, visto que a nossa heterogeneidade linguística é resultado de um convívio múltiplo social, na colonização, de diferentes povos, estes com suas diversas culturas e costumes e até mesmo com suas próprias línguas:

Aceitar e compreender todo esse processo, não só linguístico, como também social, pode nos ajudar a trabalhar com a questão da diferença. Deixando um pouco de lado as questões científicas, sabemos que a diferença leva a conceitos e, com passar dos tempos, a pré-conceitos. Conceituar ou julgar alguém ou algum fato antecipadamente não nos atribui qualquer mérito ou valor. A diferença e com o inusitado não significa apenas aprender a conviver com o outro, mas antes disso significa re-aprender a com-viver com nós mesmos, porque o diferente no outro é o que é também diferente em nós. (MEIRA, 2009, p.13)

De modo que, essa visão preconceituosa acaba oprimindo e desvalorizando a língua materna, essa que não foi aprendida nos esplendores da gramática, sem auxílio de normatização escolar, teve que aprender com base no vivido da oralidade, que mesmo sendo considerada pelos que “bem falam” uma língua inferior, suprida, sem norma, solta, está sim representa o nosso vernáculo, carrega marcas da nossa nacionalidade é patrimônio nosso, vivida e falada pelo nosso povo, esse que construiu e constituiu a nação brasileira. Dando o tom da gramática do vernáculo brasileiro, vernáculo compreendido como uma língua materna de falantes com histórias vividas pelas famílias e histórias pessoais, sem interferência da escolarização, ao chamado português popular que difere da norma padrão.

Desde então, a língua popular, que vive afastada da gramática é rica também, pois nela não foram redigidas leis, normas, ela é livre, diferente, e muda, entretanto a da gramática não. Com isso é preciso aderir valores a esse língua diferente, carregada de variedades, entenderem que o diferente faz parte e foi com a variedade linguística que se formaram tantos falares em nosso país.

O estudo aqui afirmado leva em consideração as variações que a língua sofre no decorrer do tempo e das diversidades existências que se formou o falar popular e os diversos fatores extralinguísticos para que isso aconteça. Desse modo para todo tipo de variação existe um fator na história da formação linguística para que isso incida. A variação aqui trabalhada é a concordância nominal e a concordância verbal, casos de variações frequentemente presente no vernáculo brasileiro, que fazem parte dessa língua diversificada, que foge os padrões gramaticais. Lucchesi (2009):

O intenso debate sobre a relevância do contato entre línguas na formação das variedades do português brasileiro (PB) tem-se centrado no processo de variação no uso dos mecanismos morfossintáticos da concordância nominal e verbal que atinge maciçamente a norma popular brasileira, fazendo-se sentir também na norma culta, não obstante as diferenças quantitativas e qualitativas que se devam observar entre os dois cenários. Com efeito, a variação nesses aspectos gramaticais desempenham um papel central no quadro atual de polarização sociolinguístico do Brasil, no qual a separação entre os falantes de norma culta e os da norma popular é feita fundamentalmente em função do alto grau de variação no uso das regras de concordância que se observam entre

esses últimos e a avaliação negativa da nação aplicação dessas regras entre os primeiros. Além disso, já nos finais do século XIX, Adolfo Coelho, eminente filólogo português e um dos grandes pioneiros nos estudos crioulos, chamava a atenção para o fato de que a falta de concordância que se observa no português do Brasil estaria relacionado às mudanças desencadeadas pelo contato entre línguas. (LUCCHESI, 2009, p.41-42)

Observando nos estudos de Lucchesi que esses dois fenômenos de variação foram ocasionados no contato entre línguas durante a história sociolinguística do Brasil, a concordância nominal e principalmente a concordância verbal.

A mistura de língua durante o processo de colonização resultou na formação dessa variação linguística, discriminada pela gramática normativa. Ao certo que essa simplificação da morfologia flexional na fala popular se deu historicamente no contato entre as línguas indígenas e africanas, sendo assim a gramática não pode desconsiderar essa variação, condenado-a como “erro”, pois como percebemos a variação de concordância verbal e nominal é fator presente na história da construção da nossa fala, foi a miscigenação das línguas trazidas pelos diversos povos que aqui habitarem e construíram a nossa civilização, sobretudo, a nossa língua.

A erosão da morfologia flexional, no caso da concordância nominal e verbal e um fenômeno visto não só nos dias de hoje, além disso, são marcas relativas ao processo de colonização, porém não apenas no Brasil, mas em todas as situações de contato maciço entre línguas, onde o colonialismo europeu se fez presente.

Desse modo, não podemos abolir a variação linguística, em especial a concordância nominal e verbal, ambas são produto da história de formação linguística, carregam traços de variações desde o tempo da formação do Brasil, sendo assim, há uma explicação para que até os dias de hoje termos essa variação tão presente nos falares, pois a língua é esse fenômeno que se move, muda e evolui, mas carrega sinais passados como costumes, tradições, ela não para, se estaciona nas linhas de um livro fechado como a gramática.

De certo ela caminha, por isso que não existe um “erro” existem fatores para explicação dessa diferença, que ao vermos não é uma diferença, mas sim uma herança de povos que constituíram a nação

brasileira, deixando o seu legado mais precioso, a língua popular, materna, esta tão castigada pelos gramatiquinhos.

A partir de então, o trabalho aqui mostra esses fenômenos de variações linguísticas em obras literárias, ressaltando que o autor destas obras em estudo, Jorge Amado, buscava representar na narrativa literária a linguagem informal e simples, camuflada pela gramática, visto que, não estava fugindo dos padrões gramaticais inovando a linguagem literária, mas elaborando uma nova forma de fazer literatura e identificando essa língua restrita pela gramática, esquecida muitas vezes, renegada.

No entanto, Jorge Amado, resgata essa fala popular, cheias de variações, que pelo processo da história ela é consequência do que foi nosso passado, nada mais justo e sincero reviver essa fala. “No processo de viabilização desse projeto, os escritores recorrem á oralidade, que, assim, fica indiretamente comprovada nos textos escritos” (PINTO, 1992, p.19).

O falar da gente humilde, desprovida da escolarização, retratos de uma língua passada, onde Jorge Amado inova em suas obras, fazendo com que o informal ganhou espaço assim como o formal, e por meio dessa atitude inovadora, o povo, verdadeiro fabricante dessa linguagem simples, é despertado nas obras de Jorge Amado, conseguindo construir a sua própria identidade, percebendo onde nascem as suas raízes, pois por meio da fala coloquial, materna, é que o povo se identificar, é onde estão plantadas as suas origens, aliás, a língua popular é fruto das gerações passadas.

Para tanto o autor busca observar ao seu redor a fala do povo, em suma ele convive, tem contato diário com esses falantes populares, a partir de então ele bebe dessa fonte e começa a representar na sua obra essas variações, entretanto ele também continua a ser conservador com base na gramática, pois ele detém esses recursos, a fala culta:

[...] o autor pode valer-se apenas de sua experiência de usuário da língua, o que limita a manipulação, salvo raras exceções, á fala culta, que é geralmente a do escritor; e pode recorrer também ao seu entorno, do que resulta uma neutralização ou mais simultaneidade de traços linguísticos de vários níveis, o culto, o comum, o vulgar. (PINTO, 1992, p. 43)

Percebe-se que o autor, no caso Jorge Amado, além de usar do informal, este também usará do formal, pois o autor é escolarizado, tem o domínio da gramática, sendo assim será conservador quando necessário e inovador quando apresentar a falar popular de algum personagem, por exemplo. “Em certos casos, avulta incisivamente a presença do popular; noutros, a fala culta não formal ou o coloquial comum deixam seus traços menos facilmente identificáveis.” (PINTO, 1992, p.46)

Nota-se que a fonte inspiradora para representação dessa literatura com uma linguagem inovadora, nas obras amadianas é o falar do povo, as variações estão presentes em nosso dia-a-dia, seja onde for esse falar simples é contagiante e permanece até os nossos dias.

O presente trabalho estuda sobre a variação de concordância nominal e verbal nos romances amadianos, essas duas variações são comuns, não só na época em que os romances foram escritos, posto que o autor observasse a fala popular dos seus personagens, já que Jorge Amado elabora seus romances a partir da vida social das classes subalternas da Bahia. Por isso o título dado por Benedito Veiga em um dos seus trabalhos sobre este autor, “Jorge, o filho amado da Bahia”, pois Jorge Amado se descobria dentro da sua cidade para escrever, amava sua naturalidade de ser baiano.

Esse fenômeno é registrado até nos dias de hoje, é comum observa essa variação em fala de pessoas do nosso próprio convívio, principalmente as mais idosas, que tem em suas raízes a fala popular dos seus antepassados, além também das pessoas que não possuem grau de escolarização.

Destarte, temos um escritor moderno que valoriza essa variação linguística em suas obras, representando a identidade desse povo baiano por meio das falas, inovando a literatura brasileira com essa língua literária escrita de certo modo como a língua própria falada. Em ambas as obras estudadas percebemos esse fenômeno de variação, como Jorge Amado conseguiu ganhar seu leitor por meio dessa descomplicação com uma linguagem sem formalismo.

Contudo, para exemplificação de tudo que até aqui foram apresentados sobre o uso da concordância verbal e nominal, o porquê desta enorme diversidade linguística existente em nosso país, a rejeição da gramática

normativa ao condenar os usos inovadores desses fenômenos de concordância é preciso exemplos para fundamentar a pesquisa.

Como o estudo aqui proposto é levantar dados que comprovem a existência dessa inovação em obras literárias, em particular nas obras de Jorge Amado, nos romances, *Gabriela, cravo e canela*, *Suor* e *Tieta do Agreste pastora de cabras*, com os fenômenos de concordância verbal para este e concordância nominal para aqueles, discutiremos agora os fenômenos de variações linguísticas encontrados nestes romances.

No caso da concordância nominal e verbal, analisadas minuciosamente cada fenômeno de variação, mostrando o critério levantado por este autor ao desafiar os ricos padrões gramaticais ao colocar em suas obras variações linguísticas, palavras soltas, sem formalismo, sem exigências gramaticais, palavras “nossas de cada dia”

3 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

A partir da aplicação de um método filológico que se obteve essa coleta de dados. Primeiramente foi realizada uma leitura nas obras amadianas para o devido estudo, obras em destaque na pesquisa, leitura esta para conhecimento literário, uma releitura destas obras para o reconhecimento do ponto linguístico e estético para o fenômeno optado. Em seguida estes fenômenos coletados foram registrados em fichas padronizadas para serem que possivelmente quantificados. Para tanto, com estes fenômenos levantados e analisados chegamos ao percentual desejado e absoluto com frequências relativas.

Por meio desta coleta é que podemos destacar o conservadorismo linguístico, onde Jorge Amado estabelece na estética da sua escrita literária os traços fortes e marcantes exigidos de uma maneira “gritante” pelos padrões gramaticais. São fenômenos que compõem a maior parte da narrativa literária, principalmente na fala do narrador onisciente, que de certo modo, sabe as devidas regras gramaticais. Estes fenômenos linguísticos é característica de que este autor modela sua obra nos devidos padrões linguísticos, que também, quando necessário preza pelo que a gramática estabelecer no seu jogo de regras e concordâncias.

Embora que para o belo dos esplendores literários o falar e escrever bem são indispensáveis essa forma da gramática, Jorge Amado de uma maneira abusiva desconsiderou alguns prescritos que essa gramática tradicional impulsiona na escrita e fala. Ele por meio dos fenômenos de variação observados e analisados nas devidas obras aqui estudadas, aboliu com as regras gramaticais, trouxe o que escritores passados não ousaram trazer, buscou atribuir em sua estética literária a linguagem inovadora, a inovação linguística.

Entretanto, não significa que Jorge Amado inventou uma nova língua para os brasileiros, apenas aderiu na sua escrita simplesmente a maneira como fala o nosso povo, não só as pessoas incultas, menos escolarizadas, mas todo mundo, o falante da sua língua materna, aquela oriunda dos nossos antepassados, da nossa geração.

A inovação na estética literária no que diz respeito à linguagem realizada no Modernismo foi fator marcante para dar um cunho nacional a nossa literatura. O modernista Jorge Amado nas devidas obras estudadas mostra essa forma inovadora na linguagem literária, pelos resultados alcançados e analisados podemos perceber esse uso inovador, de suma não estar na maioria da narrativa, pois essa fala simples, sem complicação, aparece muitas vezes nas falas dos personagens, em destaque na fala daquele sujeito simples, não escolarizado, morador da zona rural, de uma classe inculta.

São personagens marcados por traços tipicamente do povo brasileiro e como o autor destes personagens é o baiano Jorge Amado, ele representava de maneira primordial todas essas características que o povo baiano é, trabalhador, sofredor, incluso de uma sociedade injusta, em seus romances, além disso, a sua própria língua, pois esta é a raiz que marca a nacionalidade e origem do povo.

Nesta análise e coleta de dados devidamente foi encontrado informações que comprova a variação de concordância verbal e nominal. Casos inovadores, como exemplo nas falas de personagens, na maioria, e a concordância prescrita nas gramáticas normativas, os casos conservadores.

Dados comprovam que o prosador baiano Jorge Amado fazia um jogo com relação à gramática, ora ele era conservador, como dados evidenciam, mediante a fala do narrador e também em algumas situações e no grau em que se encontra o personagem no fator extralinguístico, este também é falante formal, permanece fiel com relação à gramática.

Os demais dados compravam que de fato Jorge Amado deu outro rumo na sua narrativa, fugiu dos padrões estéticos literários, atribuiu uma nova linguagem para literatura daquela época, usou e fez com que nascesse essa inovação na linguagem literária, diante disso, obtemos dados que comprovam esse uso inovador.

Diante de cada fenômeno estudado buscamos entender e analisar esse conservadorismo e a inovação linguística nas obras literárias de Jorge Amado, que por um lado usa da estética para compor suas obras e por outro ele usa o gênero textual no qual está inserido, ou seja, seu próprio contexto sócio-histórico-cultural para produzir suas belas narrativas.

Para compreensão e coleta de dados do uso da concordância nominal no interior do sintagma nominal foi realizada a leitura do romance *Gabriela, cravo e canela* e do romance *Suor*. A concordância verbal foi extraída e analisada no romance *Tieta do Agreste pastora de cabras*. Ambas as obras com caráter nacional, onde o autor representa de maneira evidente a Bahia, o povo, inclusive a sua própria língua, a inovação linguística.

3.1 A concordância de número no interior do sintagma nominal nas obras amadianas

A coleta de dados e análise só é evidente após conhecermos as obras em estudo. A partir de uma segunda leitura começamos a coletar os fenômenos de variação. Depois da leitura dos romances: *Gabriela cravo e canela* e *Suor* e aqui explanado em um breve resumo e para o estudo após o conhecimento com as histórias narradas obtemos a coleta e análise de dados com o fenômeno de concordância nominal.

Descritos por meio de um quadro conseguiremos observar os fenômenos de variação de concordância de número no interior do sintagma nominal, com seus determinantes, no caso o artigo, pronomes demonstrativos, quantificadores e nomes. Os fenômenos de conservadorismo linguístico e de inovação, registrados nos romances de Jorge Amado, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 4: Ocorrências das variantes de concordância de número no interior do sintagma nominal por obra

OBRAS	USO PADRÃO	USOS NÃO PADRÃO				TOTAL
		Posição 1			Posição 2	
		art.	demonst.	qtf.	nome	
Gabriela cravo e canela	1.403	5	1	0	1	1.410
Suor	110	1	0	0	2	113
TOTAL	1.513	6	1	0	3	1.523

O quadro acima faz referência aos dados coletados nas obras em estudo, nela podemos representar os usos inovadores, aqueles que estão

longe das regras gramaticais e os usos conservadores, usos prescritos pela tradição gramatical.

No romance *Gabriela cravo e canela*, temos a seguinte quantificação de dados: no total geral foram coletados 1.410 fenômenos de concordância nominal, sendo que, o percentual maior estar para os usos padrão, num total de 1.403, enquanto os usos não padrão tem um percentual menor, somando um total de 8 inovações na norma padrão.

Desta inovação podemos distribuí-la na **posição 1** em 5 ocorrências de artigos não concordando com o substantivo, 1 demonstrativo, que também não concorda com o substantivo, já o quantificador não foi encontrado fenômeno de variação e na **posição 2** temos o substantivo que também sofrer variação não concordando com o artigo.

Esses dados comprovam que no primeiro romance estudado o autor uso mais do conservadorismo, mas também comprovou o novo jeito de criar uma linguagem literária própria usando da inovação.

Suor, neste temos a seguinte quantificação de dados: em um total geral temos 113 dados coletados sobre o fenômeno aqui estudado, sendo que, há uma diferença enorme de quantidade com relação ao primeiro romance, pois aquele tem uma narrativa extensa, por isso um maior número de fenômenos encontrados, enquanto este sua narrativa é curta.

Para o uso conservador foram encontrados 110 fenômenos de usos padrão, enquanto o uso não padrão foram apenas 3 inovações. Destas inovações temos na **posição 1** temos 1 artigo que não concorda com o substantivo, enquanto que o demonstrativo e quantificador não teve registros de inovação, e na **posição 2** temos 2 substantivo que não concordam com o artigo.

No entanto essa soma também comprova o uso conservador em maior quantidade, mas também o uso inovador, mostrando que em mais um romance estudado Jorge Amado trouxe a inovação na linguagem.

Analisando agora a situação que ocasiona esses fenômenos de variação linguística partimos do primeiro romance estudado, *Gabriela cravo e canela*. Um romance onde tem personagens de todas as classes sociais, com cultura e costumes diferentes, escolarizados ou não, inúmeros fatores extralinguísticos que distinguem o falar diferente de cada um.

É nesse contexto que Jorge Amado constrói sua narrativa, interagindo com os próprios personagens, colhendo esses costumes, essa gente humilde de status social ou não, para serem representados na obra, é nesse ambiente cacauero da cidade de Ilhéus que se encontram estes personagens são eles quem compõe a obra amadiana, por isso que encontramos os dois usos, o conservadorismo, em maior parte, pois se encontra na fala dos políticos, transportadores de cacau, das moças e senhoras escolarizadas, disposta ao serviço de casa, os coronéis, enfim, pessoas cultas, que de certo são conhecedoras da norma padrão:

Vocês estão atrasados de um século. (AMADO, 1958, p. 40)
 [...] dos meus irmãos [...] (AMADO, 1958 p. 63)
 O coronel não pensou mais no assunto [...] (AMADO, 1958 p. 91)
 [...] nos ouvidos do coronel [...] (AMADO, 1958 p. 91)

Nesses exemplos, na fala dos personagens podemos perceber o conservadorismo linguístico em evidência, a fala esta prescrita como a gramática tradicional estabelece, o artigo (indefinido), o pronome (demonstrativo, posse, caso reto) todos fazendo concordância com o substantivo. Supúnhamos que estes personagens sejam de fato social elevado, escolarizado, ou que dominam os conhecimentos gramaticais. Além destes que detém a prescrição gramatical na obra amadiana, na maioria das partes de conservadorismo temos o narrador, que acreditamos conhecer tão bem a gramática como qualquer outro, por isso suas falas não fogem da gramática clássica:

[...] aqueles brotos apenas nascidos dos cocos [...] (AMADO, 1958 p. 28)
 As chuvas prolongadas [...] (AMADO 1958 p. 30)
 As marinetes novinhas ficaram [...] (AMADO, 1958 p.31)
 Os títulos venciam [...] (AMADO, 1958, p. 31)
 [...] das chuvas [...] (AMADO, 1958 p 31)
 [...] os passageiros eram todos convidados. (AMADO, 1958 p. 31-32)

Em suma o conservadorismo estar na fala do narrador, por ser uma narrativa em prosa, onde o narrador não participa, ele apenas narrar, ou seja, é observador da história, estar na terceira pessoa. Aqui apresentamos alguns exemplos em que o narrador faz a concordância nominal devidamente como estabelece à gramática.

A inovação encontra-se presente em algumas falas de personagens, acreditamos que estes não são escolarizados e carregam as marcas de uma linguagem materna, aquela simples, sem formalismo e nenhum compromisso com os rígidos padrões gramaticais, como no exemplo, “– [...] umas luz igual a essas” (AMADO, (1958) p. 72).

Observa-se nesse exemplo de inovação, para gramática a fala aqui registrada estar totalmente fora da regra de concordância. O artigo indefinido **UMAS** estar no plural, entretanto o nome **LUZ** que deveria estar concordando com o artigo se encontra no singular, o adjetivo **IGUAL** concorda com o nome e por fim a palavra **ESSAS** também não faz concordância. No entanto o que a gramática estabelece é que os primeiros elementos da frase dar sentido aos demais, como uma ordem, ou seja, o artigo estando no plural os demais elementos da frase precisa estar de acordo com ele para que haja concordância nominal, pois ela se encontra assim na gramática. Além disso, o adjetivo, o pronome, o artigo e o numeral concordam com o substantivo a que se mencionam em gênero e número. Trata-se da norma total de concordância nominal.

Entretanto, Jorge Amado ao escrever essa fala em uma das paginas de sua obra não aderiu ao formalismo gramatical, conforme ela requer que o falante esteja correto, ele usou do coloquial, do não dito dentro da gramática, o não levado em consideração pelos “gramatiqueros de plantão” ele usou do que de fato revela a voz de um povo baiano e sofredor, que carrega marcas de uma vida amarga e esquecida até mesmo por sua própria fala. Ele resgatou essa identidade do seu povo, usou e fez acontecer, a inovação na linguagem literária, mostrando a fala pura e simples.

Em *Suor*, a situação da fala não é diferente do primeiro romance, seus personagens são pessoas que vivem miseravelmente em um sobrado, alguns têm escolarização, outros não, todos são de status social não elevado, entretanto alguns personagens trazem a concordância nominal adequadamente como a gramática tradicional prescreve. Alguns exemplos:

Já reparou na vizinha dos fundos, dona Risoleta? (AMADO, 1934 p. 231)

Pudera! Pra dar comida ao malandro do filho... Um homem daqueles, de dezenove anos, gordo como um burro... Um faz nada... Passa o dia todo socado com as raparigas do Tabuão ou então matando

bicho. Só vem em casa comer e buscar dinheiro. (AMADO, 1934, P. 231)

E esse vestido, hein, dona Risoleta? A senhora devia era mandar aquela espanhola pras profundas... Feia como uma jararaca e querendo vestido de mocinha. Garanto que quer botar os chifres em Léon... Quanto ela paga? (AMADO, 1934 p. 232)

Isso arrebenta os dentes. (AMADO, 1934, p. 232)

Se eu comer a vida toda não me pago dos jejuns que tenho passado. (AMADO, 1934 p. 232)

Observa nos exemplos acima, a concordância nominal estar presente nos artigos, pronomes, preposições, substantivos, assim como é descrita no uso gramatical. Ressaltando que são falas de personagens, supúnhamos que para ter o domínio da gramática são pessoas que mesmo de status social não elevado, mas que de certa forma foram escolarizados e obedece a concordância. Neste romance também o narrador sobressai como aquele que de fato conhece as regras gramaticais, é também um narrador que não faz parte da história, apenas a narra, ele é observador e onisciente, suas falas são na maioria por se tratar do narrador e todas elas estão de acordo com a norma padrão, exemplos:

Os homens também riam. (AMADO, 1934, p. 258)

As moças, nas janelas, riam. (AMADO, 1934 p. 258)

Os palhaços caindo [...] (AMADO, 1934, p. 266)

Veio lambendo os pés dele [...] (AMADO, 1934, p. 266)

Os que estavam sem trabalho afogavam as mágoas em cachaça [...] (AMADO, 1934, p. 269)

Os flagelados agradeceram e seguiram com as trouxas pequenas aos ombros [...] (AMADO, 1934, p. 310)

As janelas se encheram de curiosos. (AMADO, 1934, p. 310)

Tanto no primeiro romance como neste podemos observar que o narrador permanece fiel as questões de concordância gramatical, possivelmente encontraremos uma inovação dentro da fala deste elemento que compõem esta narrativa literária. Prosseguindo com as análises de dados encontramos neste romance fenômeno de inovação em falas de personagens: “Nas Alemanha eles comem ninho de passarinhos.” (AMADO, 1934, p. 312). Podemos perceber nesse enunciado a variação linguística, o chamado “erro de concordância nominal” para os gramatiqueros.

A frase aqui coletada como inovação apresenta um erro de concordância no primeiro elemento do enunciado, a preposição **NA** encontra-se no plural, enquanto o substantivo que o acompanha **ALEMANHA** estar no

singular, e a regra de concordância fica evidente que todos os elementos do enunciado concordam com o substantivo, e nesse caso mesmo que o substantivo fosse concordar com a preposição estaria diferente da gramática, pois não existe Alemanhas, e sim um único país que se chama Alemanha, sendo um substantivo próprio e simples, com essa regra não poderia estar no plural. Nesse caso a preposição estar irregular com as normas gramaticais, não apresenta concordância.

Apesar de, a gramática tradicional condenar esse uso de artigo no plural e o substantivo no singular, ou vice-versa, ela não aceita essa forma popular do vernáculo brasileiro, apesar de que esse uso ser constante em nosso dia-a-dia, já virou um vício de linguagem, principalmente com aqueles que não são escolarizados, os mais velhos, os de classe menos elevada, estes que carregam a sua língua materna, o uso coloquial, sem formalismo.

É nesse sentido que entra os das gramáticas descritivas, para não condenar esse uso, pois ele não é um “erro”, mas, sim a forma que um povo, com sua cultura, seu costume aderiu na sua própria fala, além disso, se existe comunicação mesmo estando distante da gramática, para quer complicar a fala? Se o importante é o diálogo, a compreensão e entender a mensagem que o emissor passa para seu receptor. Com essa fala simples é que cativa, liberta a verdadeira identidade de um povo que só conhece seu próprio vocabulário.

Através disso, Jorge Amado em hipótese alguma estaria equivocado ao representar essa fala pura, sem correção gramatical em sua obra, pois ele entende o falar do povo baiano, dessa gente humilde que compõem as entrelinhas das suas obras. Como no caso da obra em estudo, *Suor*, um romance onde é baseado no sofrer e na miséria do povo baiano, de certo essa fala inovadora supunha que partiu da boca de um não escolarizado, humilde, de classe não elevada, um sujeito que tem em si um único patrimônio a sua linguagem pura e simples, o seu conhecimento de mundo adquirido ouvindo os seus antepassados falando. Com esse contexto, Jorge Amado inovou sua linguagem literária, valorizando o que o povo tem a sua linguagem:

Expressões como estas abundantes ao longo das obras por personalidades diversas, demonstram que é na interação e

acomodação com o seu meio que a linguagem surge, desenvolve e estrutura. Não existe, pois, propriamente linguagem humana independentemente do contexto sócio-cultural, assim como não é menos verdade que a linguagem reside primariamente nas mentes individuais, sem as quais a interacção linguística não poderia ocorrer. (PINA, 2006, p. 42)

Com os exemplos aqui citados de concordância nominal nas duas obras estudadas, *Gabriela cravo e canela* e *Suor*, podemos concluir o quanto Jorge Amado foi inovador e conservador.

3.2 A concordância verbal na obra amadiana

Após uma análise sobre a concordância nominal e verbal o uso do conservadorismo e o uso da inovação linguística nas obras amadianas: *Gabriela cravo e canela* e *Suor*, buscaremos agora analisar a concordância verbal na obra *Tieta do Agreste*, pastora de cabras, ressaltando que um conteúdo gramatical acompanha o outro, ou seja, a concordância nominal estudada primeiro e agora a concordância verbal que se seguem ambas em um mesmo enunciado, mas vale lembrar que neste romance só será ressaltado o fenômeno de concordância verbal.

Com uma leitura feita para compreensão da obra, principalmente da parte literária, para entendermos os personagens, o status social de cada um, pois é nesse sentido que podemos perceber a sua linguagem, a situação no qual se encontram dentro da obra, o ambiente em que foi produzida a obra, enfim, podemos começar a coleta de dados em uma segunda leitura. E com um resumo aqui explanado partimos para a análise, observaremos os dados coletados por meio de um quadro:

Quadro 5: Ocorrências da regra de concordância verbal em *Tieta do Agreste*, pastora de cabras

Fenômeno	Ocorrências	%
Conservadorismo	1.375	98,1
Inovação	27	1,9
Total de ocorrências	1402	100

O quadro acima faz referência aos dados coletados na obra em estudo, nela podemos representar ocorrências de usos inovadores, aqueles

que estão longe das regras gramaticais e fenômenos de usos conservadores, prescritos pela tradição gramatical. Está prescrito também em porcentagem.

Em *Tieta do Agreste, pastora de cabras*, encontramos os seguintes dados em números: os usos conservadores aparecem em maior quantidade, somando um total de 1.375, enquanto o uso inovador temos uma soma bem menor apenas 27 inovações linguísticas foram encontradas nesta obra com o uso de variações na concordância verbal. O total final de ocorrências dentro de conservador e inovador é somado 1402. Ressaltando que este romance apresenta uma narrativa extensa, por isso um número bem elevado de ocorrências linguísticas.

Após um percentual destas ocorrências analisaremos as falas que justificam esse número, sejam elas na parte do narrador ou com os personagens, a partir de então podemos também perceber a situação de cada personagem.

Tieta do Agreste, pastora de cabras é um romance onde se encontra todo tipo de sujeito na pirâmide da classe social: temos personagens de *status* social importante, principalmente os políticos, donos de empresas, temos um personagem poeta nesta narrativa, e também aqueles de pouco prestígio, entretanto uns são escolarizados, e outros não, como as pessoas idosas que carregam consigo a linguagem materna, e o narrador, que em suma está intenso na narrativa, acreditamos que este detém os conhecimentos gramaticais.

Com essa vastidão de personagens, de inúmeros fatores sociais é possível que haja na narrativa a competição entre o conservadorismo e a inovação linguística, dados acima comprovam isso, em alguns personagens, estes que de certo modo detém o conservadorismo permanecem fiel a gramática:

No começo do ano, vou passar para a divisão dos maiores e dormir de pijama [...] (AMADO, 2000, p. 93)

Mas mãe só vai comprar que eu for pro seminário. (AMADO, 2000, p. 93)

Vai começar a usar quando voltar para o seminário. (AMADO, 2000, p. 95)

Missa? Já mandamos rezar, em São Paulo, na igreja da Sé. De sétimo dia, de mês, várias. (AMADO, 2000, p. 94)

Muito obrigada. Aceito, até comprar terreno, levantar minha palhaça. Vai ser logo, logo [...] Tínhamos pensado ir nesse sábado, passar o domingo. (AMADO, 2000, p. 99-100)

Nos exemplos aqui citados a respeito do conservadorismo na fala de alguns personagens percebemos o uso padrão da conjugação verbal em todos os verbos, este fazendo concordância com o sujeito. Ressaltando que estas falas são de personagens escolarizados, como nos dois primeiros exemplos, a fala é de Ricardo, sobrinho de Tieta que estuda no seminário, e as outras falas são de Tieta e sua irmã Perpétua, ambas também escolarizadas, aquela inclusive vivia em Santana do Agreste, mas foi embora para a capital e conviveu lá por 27 anos adotando os costumes e principalmente a fala urbana.

Além de alguns personagens que usam o conservadorismo, temos também em um número bem maior o narrador, pois ele compõe quase toda a parte da narrativa, este que acreditamos ter o domínio dos padrões gramaticais, por isso todas as suas falas têm concordância com o sujeito e o verbo. Exemplos:

Para conversarem a sós, o único jeito foi fugir da casa repleta enquanto Barbozinha, invencível, atravessava o pantanal de Mato Grosso [...] (AMADO, 2000, p. 220)
 Quando dona Carmosina chegou para conversa reservada [...] (AMADO, 2000, p.221)
 [...] contados cidadãos travaram conhecimento com o grande jurisconsulto e souberam quais os motivos a conduzi-lo àquelas desprovidas lonjuras. (AMADO, 2000, p. 488)
 O pau comeu de todos os lados, muitos nem souberam os motivos da briga [...] (AMADO, 2000, p. 541)

Em exemplos as falas do narrador da história, que ao serem quantificados no romance apresenta o maior número de conservadorismo linguístico, este narrador onisciente entende claramente dos padrões gramaticais, obedecendo assim todas as regras de concordância nominal.

Dando continuidade à análise dos fenômenos coletados, tanto de conservadorismo, como de inovação observaremos agora em exemplos retirados do livro em falas de personagens o uso inovador:

No dia que esses sujeitos aparecerem aqui de novo em Agreste ou em Mangue Seco, a gente bota eles pra correr. (AMADO, 2000 p.320)
 Tu disse que tinha certeza que não. (AMADO, 2000, p. 406)
 Tu é um porreta. (AMADO, 2000, P. 407)

Se você disser não, Tieta, acabou-se Agreste, é o fim de Manguê seco (AMADO, 2000, p. 316)
 Doido, tu vai acabar me obrigando a andar de calças compridas aqui na praia (AMADO, 2000, p.339)
 Tu perguntou isso também? (AMADO, 2000, p.9)
 Tu pensa que ela morreu e que o marido não diz nada para ficar com tudo? (AMADO, 2000, p. 9)
 Como é que tu sabe? (AMADO, 2000, p.8)
 Tu quer dizer que quando uma pessoa morre, metade do que ela tem fica pros parentes? (AMADO, 2000, p. 9)
 O promotor? E tu foi falar isso com ele? (AMADO, 2000, p. 9)
 Tu acaba lesa de pensar tanta maluquice. (AMADO, 2000, p.10)
 Tu sabe que, se ele não pagasse a letra, a loja ia á falência. Tu sabe, o pai sabe... (AMADO, 2000, p. 10)
 Mas que a gente vive roubando, ah isso vive, não adianta tu ficar aí sentada de terço na mão, mastigando o padre-nosso com esse ar de santa. (AMADO, 2000, p. 10)

Inúmeros exemplos aqui foram explanados no caso da variação de concordância verbal, vários enunciados ditos no romance por personagens. A maioria dos exemplos estarem relacionado com a concordância do pronome pessoal do caso reto com o verbo. O pronome **TU** que aparecem em quase todos os exemplos de inovação é um vício de linguagem de determinadas regiões, ao invés do pronome **VOCÊ**, alguns utilizam o **TU**. No entanto ao optarem por este não fazem a concordância adequada com o verbo, pois ele sofre alteração estando na segunda pessoa do singular, ou na segunda do plural, quando utilizarmos o **VÓS**, mas o falante popular não o utiliza dessa forma, como podemos perceber nos exemplos. Eles sempre usam o pronome **TU** na terceira pessoa do singular.

Para a gramática normativa isso é considerado um “erro” de pronúncia, pois o verbo tende a concorda com o seu sujeito, sobretudo não existindo concordância está desconsiderado. Mas para os descritivos isso é admissível, considerando que esse uso é falando normalmente por quase todos os falantes brasileiros, sejam escolarizados ou não, no caso dos exemplos, há falas de pessoas escolarizadas.

O uso com o pronome **TU** na terceira pessoa do singular se tornou constante nas falas, mesmo estando longe dos padrões gramaticais, entretanto os gramáticos condenam, mas os descritivos aceitam, não considerando que esse uso é o certo, no entanto que esse enunciado já se tornou um vício de linguagem, em que quase todos os falantes a praticam. Além disso, mesmo o pronome não estando em conjugação com o verbo,

durante a comunicação houve o entendimento do receptor e emissor, sendo assim, para que complicação.

Além do pronome **TU**, temos o uso constante das formas pronominais inovadoras. No caso do pronome **A GENTE** e o pronome **VOCÊ**, são usos que contrariam as formas conservadoras, no entanto estes usos fazem a conjugação verbal adequadamente como prescrever as formas verbais nas gramáticas, entretanto eles não são aceitos pelas gramáticas. Em dois exemplos citados acima temos esse uso prescrito com o pronome **A GENTE** fazendo a concordância com o verbo, esse pronome foi substituído pelo **NÓS**, assim como o pronome **VOCÊ** foi substituído pelo **TU** e **VÓS**, no entanto a substituição pelas formas pronominais inovadoras contraria as conservadoras, mesmo estando em concordância com o verbo.

Assim como o uso do pronome **TU**, é feito sem concordância verbal por vários falantes, as formas pronominais inovadoras também foram adotadas por inúmeros falantes, esse uso é constante na linguagem coloquial como até mesmo na linguagem culta, tornando-se um vício de linguagem adotada pelos falantes brasileiros. Nesse caso os descritivos também não condenam essas formas inovadoras pronominais, ressaltando que, é um uso utilizado por quase todos os falantes nativos da língua portuguesa.

Alguns gramáticos afirmam que com essas formas reduzidas na pronúncia a nossa língua se caracteriza como “meia língua”, mas os descritivos acreditam que não existe uma “meia língua” brasileira, entretanto, falantes que usam de uma maneira mais fácil a língua para expressarem seus pensamentos, angústias, pontos de vistas.

Portanto, o uso inovador de concordância verbal em *Tieta do Agreste, pastora de cabras*, é evidente, tanto na concordância do pronome com o verbo, como nas formas pronominais inovadoras.

Nessa obra Jorge Amado também se imbuíu do caráter nacionalista da linguagem popular brasileira para compor as falas dos seus personagens, até mesmo os usos que a gramática abomina, mas são usos que continuamente estabelece uma relação de comunicação entre os indivíduos de uma sociedade, mesmo não fazendo parte dos padrões gramaticais, contudo estão ali, na fala popular, daqueles que não estão suprimindo a língua

portuguesa, no entanto, apenas demonstrando o que sabem o que foi aprendendo no seio da família. Além disso, esses usos são corriqueiros, por isso Jorge Amado adotou essas falas, não fugiu do que concede a gramática, apenas mostrou o que fica muitas vezes camuflado por ela, principalmente em obras literárias.

3.3 Interpretação de Dados: a diferença na leitura da literatura amadiana

O marco inicial para que tudo se revolucionasse na literatura brasileira foi o movimento modernista, esta geração que aderiu novos conceitos de se fazer obras literárias atribuiu antes de tudo o nacionalismo brasileiro como base para as novas criações. Neste nacionalismo o autor bebeu em vários estilos, na estética, na representação popular, os acontecimentos da época, até mesmo a poesia perdeu seu estilo romântico para ganhar uma nova versão de expressão, a realidade, ao que de fato exigia ao momento sócio histórico.

E nessa liberdade de expressão, nesse novo mundo literário a linguagem também ganhou seu espaço. Embora ela esteja sempre presente nas expressões artísticas, desde as primeiras escolas literárias, mas no novo movimento literário, o modernismo, a linguagem literária aparece diferente, ela foi inovada, o que era conservador permaneceu, porém deu oportunidade para o inovador entrar também nas entrelinhas dos romances, poemas, enfim nas criações literárias.

O uso de uma linguagem inovadora nas obras do modernismo foi um forte fator que simbolizou uma verdadeira literatura nacional, pois os escritores bebiam na fonte do falar popular para escreverem suas narrativas longas, abastecidas dessa fala sem formalismo e coloquial.

Não significa que os autores modernistas deixaram o conservadorismo linguístico estabelecido pela gramática tradicional, eles também não formularam uma nova língua brasileira para escrever em obras literárias, muitos deles permaneceram fiéis às duas variantes, ao conservadorismo e à inovação, mas o que caracterizava essa literatura nova,

nacional era a inovação linguística, o uso do falar popular em obras literárias, a língua falada dentro da língua escrita.

Em todas as circunstâncias desse novo movimento, uma delas foi esse afastamento que os autores estabeleceram na linguagem literária, foram às normas gramaticais. Ao usarem da inovação de certa forma eles estariam bulindo com os prescritos da gramática tradicional, deixando de lado anos de edificação de uma língua honrada, deixada pelos nossos colonizadores, cheias de regras, concordâncias nas palavras, uma língua fechada e lacrada em um livro chamado Gramática Tradicional. Ela como centro das atenções, como uma doutrina, mesclada de dogmas a serem aceitos como verdades irrefragáveis.

Apesar disso, os modernistas usaram e fizeram acontecer a inovação dentro da língua literária, sabendo que, com todo esse distanciamento de uma narrativa culta para os gramáticos, entre outros leitores cultos causariam um alvoroço na norma literária e na forma de ler essas obras, no entanto não foi o que de fato aconteceu, para estes foi um absurdo ver a língua inovada, contudo, o movimento prevaleceu, as obras foram escritas e aceitas por boa parte dos leitores, e até mesmo elogiadas, com esse novo rumo que a literatura brasileira deu, adotando o caráter nacionalista.

Diante disso, nosso autor modernista fez parte dessa inovação, como este estudo comprova. Jorge Amado usou e abusou da inovação, da liberdade de expressão, da tomada do povo como fonte inspiradora para as suas obras, a Bahia como o cenário, assim ele vestiu o nacionalismo brasileiro e deu origem aos seus escritos. “Nos encontrávamos num momento angustioso. E transformamos a revolução puramente literária dos modernistas num movimento de literatura social.” (AMADO, apud TÁTI, 1961, p. 88-93). Jorge Amado acreditava em uma literatura que tivesse o social envolvido em todas as questões, seja o status social, a língua, fatores que contribuíssem para elaborar uma literatura puramente nacional e assim foi feita por ele e os demais modernistas de todas as gerações.

Jorge Amado trouxe todos esses elementos para compor suas obras literárias, bebeu de uma fonte inesgotável de saberes populares, vivências, costume, crenças, se baseou nisso. Trouxe a inovação na língua literária, buliu com os padrões gramaticais, contudo, assim como os demais

modernistas ele foi devidamente criticado por inúmeros estudiosos, entretanto foi bem lido.

O mundo se interessou por esta literatura moderna, os livros novos foram traduzidos por todo o mundo e agradam aos leitores. Dentro deste aspecto destaca o nosso autor, os seus romances eram reconhecidos no mundo. Apesar de esta distante da gramática, a linguagem não ser rebuscada, cheia de formalismo, Jorge Amado foi entendido e reconhecido, pois ele trava do real, da fala popular, daquilo que chamava atenção do público leitor, era a história de um trabalhador, um povo pobre e humilde.

Tudo isso podemos observar nas análises que foram feitas nas obras amadianas. O autor em *Gabriela cravo e canela* descrevia a vida popular em torno de Ilhéus, nas fazendas cacauceiras, a vida simples daqueles personagens pobres, com sua fala popular. Em *Suor*, moradores em um único sobrado, dividindo pequenos quartos, pessoas humildes que o único bem precioso que ainda carregam e a gramática tenta arrancar é a língua materna, então para que complicação, transformar o fácil em difícil, o falar de todo dia em algo padronizado? Jorge Amado apenas transformou o real em língua escrita literária, não praticou crime algum com a gramática, só não usufruiu das regras que ela impõe.

Em *Tieta do Agreste, pastora de cabras*, também encontramos personagens distantes dos padrões gramaticais, até mesmo aqueles escolarizados, mas que como vício de linguagem usam uma maneira mais fácil de conjugar o verbo, fugindo das regras.

Enfim, sendo inovador, moderno, Jorge Amado conseguiu conquistar muito o seu público leitor, todos esses fatores não afetaram a forma de ler suas belas narrativas, pelo contrario, aderiu mais leitores, pois esse uso inovador da língua escrita literária faz com que aquele leitor pobre e humilde se identifique nas entrelinhas da obra, descobre sua verdadeira identidade, por meio desta língua simples, pura, ingênua.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento modernista trouxe para a literatura brasileira uma nova história de como fazer arte literária, seja no romance, na poesia, em pinturas, toda expressão artística literária ganhou um espaço original, moderno, esse movimento surgiu para revigorar todas as formas de fazer literatura e conseguiu, libertou a literatura que era presa a dogmas tradicionais, trouxe a liberdade de expressão, fez deste novo movimento uma literatura genuinamente de caráter nacional, que representasse a identidade brasileira.

Em meio há esse nacionalismo, há essa literatura recriada para falar das identidades brasileiras, para representar o nosso social se identificou a linguagem, essa que já fazia parte da literatura, mas agora ela surgiu de maneira real, para mostrar a língua popular brasileira. Os autores modernistas escolheram a fala simples, da gente humilde, do sertão, para ser representada nos romances, abandonaram os padrões tradicionais, o conservadorismo linguístico e deram espaço ao simples, natural, o dito popular, “a nossa fala de cada dia.” E assim estes conseguiram não só inovar o modelo da literatura brasileira, mas também a língua escrita nesse novo movimento literário.

Com isso, entra em estudo o prosador baiano e que também foi importantíssimo para o novo movimento literário, o modernismo, Jorge Amado escritor que deu em suas obras o que o movimento demandava caráter puramente nacional. Ele usou e abusou do nacionalismo brasileiro, sua fonte de inspiração estava no povo brasileiro, no povo baiano, em sua terra natal, na Bahia, dedicava suas obras a esse povo os seus leitores eram os próprios personagens, acreditava escrever em uma linguagem pura e simples para que seus leitores pudessem se identificar e foi o que ele fez, buscou juntamente com os demais escritores com este movimento inovar a linguagem literária e como o estudo aqui afirma a inovação na escrita amadiana esteve presente.

A língua popular brasileira encontra-se longe dos padrões gramaticais, essa adquirida de geração em geração, materna, desviada da gramática tradicional, mas falada por vários brasileiros que tem como

herança a sua fala popular, sem formalismos, sem complicações ditada por si mesmo, sem estar redigida em um livro e lacrada, uma língua que sofre mudanças, contudo, a língua normativa não sofre mudanças, é simplesmente prescrita como a gramática pede, demanda. Com isso, Jorge Amado aderiu em suas obras um projeto inovador, fez com que essa fala simples, sem valor para a gramática ganhasse espaço em suas narrativas, pois essa fala traz marcas da nacionalidade brasileira, são falas populares, inovada por um autor que conhece a gramática normativa e suas regras de concordância, mas acima de tudo ele também conhece o falar do povo, da gente humilde que muitas vezes são escondidas por esta gramática tradicional.

De certo a língua popular brasileira ganhou espaço nas entrelinhas das narrativas amadianas e de outros escritores modernistas, conseguiram demonstrar essa fala pura, coloquial, ditadas por homens e mulheres sofredores, trabalhadores que ao lerem obras como a de Jorge Amado vão se identificar por meio da sua própria fala, e não vão achar dificuldade na leitura, pois se as obras de Jorge Amado significavam a representação do povo baiano, se estes eram seus leitores para que complicação na linguagem? Servir-se-iam de uma linguagem solta, onde os leitores se descobrissem dentro da obra.

O estudo aqui apresentou o movimento modernista como marco inicial para uma reviravolta na forma de fazer literatura, aderindo aos escritores uma literatura nacional, onde todos que fizeram parte deste movimento conseguiram conquistar, seja no caráter social, no momento sócio-histórico-cultural, como na linguagem literária, a inovação na língua escrita literária, nosso foco de estudo, nesta contamos com Jorge Amado, que aqui foram levantados dados que comprovam essa inovação linguística nas obras literárias deste autor.

Levantados os fenômenos de concordância nominal e concordância verbal, aquele nos romances: *Gabriela cravo e canela* e *Suor* e este no romance: *Tieta do Agreste pastora de cabras* após este levantamento das duas concordâncias pode destacar que em ambas as obras houve inovações linguísticas dos respectivos fenômenos, além do conservadorismo linguístico, principalmente na fala do narrador.

Com estes dados podemos observar o quanto Jorge Amado foi conservador permanecendo fiel a gramática normativa, estabelecendo suas regras de concordâncias e como ele utilizou do momento na literatura brasileira para ser inovador, pois exemplos aqui citados comprovam o uso da inovação linguística, como Jorge Amado aderiu esse novo uso em sua narrativa e ao contrário do que afirma o estudioso Barbadinho Neto, Jorge Amado inovou a sua escrita e não foi em um único livro e em uma única fala, pois este estudioso afirmou em estudo que houve inovação linguística na literatura brasileira, mas apenas com um escritor e em um único livro, que foi Mário de Andrade e que Jorge Amado apenas tentou em uma única passagem e em um único livro.

Entretanto, o estudo aqui feito comprova totalmente ao contrário, desmistificando o que este autor diz, pois como podemos analisar nos dados levantados Jorge Amado usou da inovação linguística, só aqui em três obras, foi um dos modernistas que conseguiu por em prática esse uso inovador na língua, não reinventou a linguagem, apenas reescreveu o que existe de comunicação entre os brasileiros.

Apesar de toda essa revolução em uma obra literária será que para os leitores causariam um reformulação na obra de ler este autor e na nossa forma de ver o padrão do português brasileiro?

Acredito que não, pois como podemos observar a inovação linguística não é uma invenção da língua portuguesa, mas é apenas uma liberdade da fala que muitas vezes é corrigida e não aceita pelos gramáticos. Não significa dizer que o padrão brasileiro irá mudar, será incorporado por esta fala popular, pois como percebemos Jorge Amado também é conservador, ele utiliza da gramática, mas o que ele tenta mostrar para os seus leitores é o que a gramática esconde nos livros, ele dá liberdade ao real vivido pela língua popular. Pina (2006, p. 42)

Portanto, a influência dos fatores socioculturais na linguagem pode ser vista nas obras de Amado a partir de dois pressupostos: a linguagem informal e crua empregada pelo romancista. Palavras conhecidas de todo mundo e não usadas abertamente e a ousadia para opor-se à rotina, como fizeram Gil Vicente em Portugal nos seus Autos ou Shakespeare, retratando fielmente os costumes e a linguagem do povo, dando expressão literária ao falar popular em que o povo é a fonte de tudo

Com isso, podemos ver o nosso português padrão como algo “certo” que estar prescrito em uma gramática e não tem concordâncias soltas, e que pessoas escolarizadas, cultas a domina, mas vamos entender também que o povo, aquele não escolarizado, sem prestígio social domina uma língua solta, sem formalismo, contudo, não significa que está desmoralizando a nossa língua, ou desclassificando o nosso idioma, como muitos pensam, no entanto são estes os verdadeiros falantes do nosso vernáculo, apesar de estarem distantes das gramáticas, mas são eles que com a diferença faz a nossa língua ser materna, pura e simples, sem complicação e formalismo, nesse sentido se desenvolveu Jorge Amado:

Provavelmente as situações vividas pelo autor e tantas outras de que é bem conhecedor forneceram-lhe material para a obra, destacando-se dentre eles o povo simples e excluído do processo social, relegado ao esquecimento e marginalizado pelas forças opressoras, seja através das condições socio-culturais, seja através do padrão linguístico. É, provavelmente, nesta luta para acabar com o preconceito que ele traz a temática do povo em suas obras dando-lhe voz e vez. É aí que o povo registra os acontecimentos de sua vida numa linguagem simples, coloquial e do cotidiano. (PINA, 2006, p. 42)

Destarte, temos uma pesquisa que comprova a inovação linguística nas obras de Jorge Amado, este romancista brasileiro, tradutor do imo e da cor da Bahia, intenso sabedor da alma brasileira e criador de personagens incríveis. Ele usou da linguagem coloquial para representar seu povo, sua gente humilde, pois ele conhece bem o seu povo, por isso o falar do povo lhe vem facilmente a sua cabeça.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge (2000 [1977]). **Tieta do Agreste**. São Paulo: Companhia das Letras, 424p.
- AMADO, Jorge (2008 [1958]). **Gabriela, cravo e canela**. Posfácio de José Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 424p.
- AMADO, Jorge (2008 [1934]). **Suor**. São Paulo: Martins, 117p.
- ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira (2004). “A obra de Jorge Amado, a realidade linguística das classes subalternas”. In: **Cadernos do CNLF**, série 7, n.11. Rio de Janeiro: CiFEFiL. Disponível em: <www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno11-03.html> acesso dia 23 de março de 2014.
- BAGNO, Marcos (2007). **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola.
- BECHARA, Evanildo (2004). **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- CERQUEIRA, Larissa Agostini (2010). “As contribuições do modernismo para a literatura e a crítica brasileira”. **Em tese**, vol. 16, n. 2. Minas Gerais: UFMG. Disponível em: <www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3508/3452> acesso dia 23 de março de 2014.
- CUNHA, Celso (1978). **Gramática do português contemporâneo**. 7.ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares.
- DUARTE, Eduardo de Assis. “Jorge Amado, exílio e literatura.” In: GODET, Rita Olivieri; PEJON, Jacqueline. (org.) (2004). **Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra**. Salvador: FCJA. P. 63-80
- DUARTE, Eduardo de Assis. (2002) “Aquarelas do Brasil: margens da identidade nacional a ficção de Jorge Amado”. In: BRESCIANI, Chiappine Stella. **Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo, Cortez. P. 53-62.

LESSA, Luiz Carlos (1976). **O modernismo brasileiro e a língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Grifo.

LUCCHESI, Dante. “Aspectos da gramática do português brasileiro afetados pelo contato entre línguas: a flexão de caso dos pronomes pessoais”. In: MEIRA, Vivian (org.) (2009). **Português brasileiro: estudos funcionalistas e sociolinguísticos**. Salvador: EDUNEB, p. 41-80.

MEIRA, Vivian. “O português falado no Brasil: evidências sócio-histórica.” In: Id. (Org.) (2009). **Português brasileiro: estudos funcionalistas e sociolinguísticos**. Salvador: EDUNEB, p. 21-40

NERO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira (2007). **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola.

PINA, Luís da Costa de (2006). **Trajectória da Literatura Brasileira e a construção da linguagem nas obras “Capitães de Areia” e “Tieta do Agreste” de Jorge Amado**. Trabalho Científico apresentado no ISE para obtenção do Grau de Licenciado em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses. Orientadora: Professora Dra. Maria Verúcia de Souza.

PINTO, Edith P. (1992). **A língua escrita no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Ática.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da (1983). **Gramática normativa da língua portuguesa**. 23.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio.

SANTOS, Itazil Benício dos (1993). **Jorge Amado: retrato incompleto**. Rio de Janeiro: Record.

SILVA, Jorge Augusto Alves da (2009). “Notas sobre a história de concordância verbal na língua portuguesa: do latim ao quinhentismo português”. In: MEIRA, Vivian (Org.). **Português brasileiro: estudos funcionalistas e sociolinguísticos**. Salvador: EDUNEB. P 171-186.

SILVA, Rosa Virginia Mattos, (1996). **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 3.ed. São Paulo: Contexto.

SILVIO, Elia, (1975). **Ensaio de filologia e linguística**. 2.ed. Rio de Janeiro. Grifo; Brasília, INL.

TAVARES, Paulo (1980). **O baiano Jorge Amado e sua obra**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record.

WITKOWSKI, Ariane (2004). "Jorge Amado ou a tentação autobiográfica". In: GODET, Rita Olivieri; PEJON, Jacqueline. (Org.). Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra. Salvador: FCJA. P. 81-97.